



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE ENGENHARIA FLORESTAL
Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e
Ambientais

AVALIAÇÃO ECOLÓGICA DE LEPIDÓPTEROS EM
FLORESTAS PLANTADAS E NATIVAS, NO MUNICÍPIO
DE COTRIGUAÇU, MT

ALINE BISPO SANTOS JANUÁRIO

CUIABÁ-MT
2011

ALINE BISPO SANTOS JANUÁRIO

**AVALIAÇÃO ECOLÓGICA DE LEPIDÓPTEROS EM
FLORESTAS PLANTADAS E NATIVAS, NO MUNICÍPIO
DE COTRIGUAÇU, MT**

Orientador: Prof. Dr. Otávio Peres Filho

Dissertação apresentada à Faculdade de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais, para obtenção do título de Mestre.

CUIABÁ – MT
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

O48f Januário, Aline Bispo Santos..
Avaliação ecológica de lepidópteros em florestas plantadas e nativas no município de Cotriguaçu, MT / Aline Bispo dos Santos Januário, 2011.

xiv, 91 f. ; 30 cm : color. (incluem figuras e tabelas)

Bibliografia: fs.80-86

Orientador: Otávio Peres Filho

Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso. Faculdade de Engenharia Florestal. Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais, 2011.

1.Armadilha luminosa. 2.Flutuação populacional. 3. Lepidóptera. 4. Levantamento populacional. 5.Análise faunística. I.Título.

CDU 595.78(817.2)

Catalogação na fonte: Maurício S.de Oliveira CRB/1-1860.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE ENGENHARIA FLORESTAL
Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Título: Avaliação ecológica de Lepidópteros em Florestas plantadas e nativas, no município de Cotriguaçu, MT

Autora: Aline Bispo Santos Januário

Orientador: Prof. Dr. Otávio Peres Filho

Aprovada em: 27 de abril de 2011.

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Otávio Peres Filho
FENF/UFMT



Prof. Dr. Alberto Dorval
FENF/UFMT



Profª, Drª. Beatriz Schwantes Marimon
UNEMAT

EPIGRAFE

Através do inseto defrontamo-nos com uma realidade que nos supera: dele recebemos uma mensagem que se a soubéssemos decifrar nos daríamos a chave do Universo. Só de olhá-lo, só de dirigir-lhe nossa ânsia de saber sentimo-nos em comunhão com o que é.

Jean Rostand

DEDICATÓRIA

A minha mãe Josety Bispo Santos (Zety) e meu esposo Vinicius Alves dos Santos, pela dedicação, participação, amor incondicional, compreensão, incentivo e companheirismo em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por iluminar meus caminhos nessa trajetória.

A Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Faculdade de Engenharia Florestal (FENF), pelo apoio prestado a essa pesquisa.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudo concedida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais pelas condições oferecidas.

Ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) pelo apoio financeiro.

A Organización Nacional de Fôret (ONF/Brasil), por ter cedido o local para a realização da pesquisa e apoio logístico, em especial aos funcionários Cleide Regina de Arruda (M.Sc. em Ciências Florestais e Ambientais), Paulo Von Ryn (Técnico Florestal) e o Carlos Alberto Fial de Souza.

Ao Instituto Nacional de Meteorologia/9º Distrito de Meteorologia na pessoa da servidora Dalvete da Cruz, pelas informações prestadas.

Ao Professor Dr. Otávio Peres Filho, pelos ensinamentos, oportunidade, percepção e confiança demonstrada em todo o processo dessa.

Ao Professor Dr. Alberto Dorval, pelo aceite de co-orientador e contribuição nas sugestões para condução do trabalho.

A Professora Dr^a. Beatriz Schwantes Marimon, pelo aceite ao convite para participação na banca de defesa.

Ao Professor Dr. Sivaldo Silveira Neto da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP), pelo exemplo profissional e identificação dos insetos.

Ao M.Sc. em Ciências Florestais e Ambientais, Marcelo Muniz Silva por sua atenção e coleta dos dados.

Ao Engenheiro Florestal Marcelo Dias Souza pelo auxílio na triagem do material e cálculos estatísticos.

Ao M.Sc. Rogério Goularte Moura, as biólogas Laura, Vivian e Laura pelo auxílio prestado durante minha estada em Piracicaba/SP.

Ao Técnico Sr. Manoel Lauro da Silva do Laboratório de Proteção Florestal/FENF, pelo apoio dado a essa pesquisa.

A minha amiga Engenheira Florestal Rejane Soares Gusmão pela troca de conhecimento e disposição no auxílio da pesquisa.

BIOGRAFIA

Aline Bispo Santos Januário, filha de Josety Bispo Santos e José Januário nasceu em São Bernardo do Campo, São Paulo, em 25 de Fevereiro de 1982.

Em Julho de 2002, diplomou-se em Técnica em Turismo e Secretariado, pela Escola Técnica Federal de Mato Grosso.

Em Março de 2008, diplomou-se em Engenharia Florestal, pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Em Fevereiro de 2009, iniciou o curso de Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais, na Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, a qual foi bolsista CAPES, defendendo a dissertação em abril de 2011.

SUMÁRIO

RESUMO	xiii
ABSTRACT	xiv
1 INTRODUÇÃO	1
2 REVISÃO DE LITERATURA	3
2.1 ASPECTOS ECOLÓGICOS.....	3
2.2 A ENTOMOFAUNA EM FLORESTA PLANTADA.....	4
2.3 A ENTOMOFAUNA EM RESERVA NATURAL.....	6
2.4 LEVANTAMENTO DA ENTOMOFAUNA ATRAVÉS DA ARMADILHA LUMINOSA.....	8
3 MATERIAL E MÉTODOS	
3.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	10
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA.....	11
3.3 ARMADILHAS LUMINOSAS.....	12
3.4 IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL.....	14
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	15
3.5.1 Flutuação populacional.....	15
3.5.2 Coeficiente de correlação linear simples.....	16
3.5.3 Análise de agrupamento.....	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	
4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	17
4.2 ANÁLISE FAUNÍSTICA.....	37
4.2.1 Análise Faunística dos Ambientes Estudados.....	45
4.3 FLUTUAÇÃO POPULACIONAL.....	67
4.3.1 Flutuação das espécies dominantes, muito abundantes, muito frequentes e constantes.....	67
4.4 CORRELAÇÃO SIMPLES DAS ESPÉCIES DOMINANTES NOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS	76
4.5 ANÁLISE DE CLUSTER.....	78

5 CONCLUSÕES.....	79
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
APÊNDICE.....	87

LISTA DE TABELAS

1-CARACTERÍSTICAS DOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU- MT, 2007 A 2008.....	13
2-QUANTIDADE (N) DAS ESPÉCIES IDENTIFICADAS NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	20
3-QUANTIDADE (N) DAS ESPÉCIES E INDIVÍDUOS NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	34
4-ESPÉCIES COMUNS AOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	36
5-ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	38
6-ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NO PLANTIO DE <i>Tectona grandis</i> , FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	46
7-ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NO PLANTIO CONSORCIADO COMPOSTO POR ESPÉCIES DE <i>Ficus</i> spp., <i>Astronium</i> sp., <i>Jacaranda copaia</i> , <i>Syzygium jambolanum</i> e <i>Aspidosperma</i> sp., FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	51
8-ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE FLORESTA NATIVA, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	55
9-ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NA MATA RIPÁRIA, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	60
10-ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE CAPOEIRA, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	64
11-CORRELAÇÃO SIMPLES DAS ESPÉCIES DOMINANTES NOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS COM A UMIDADE RELATIVA DO AR, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	76

LISTA DE FIGURAS

1-LOCALIZAÇÃO DA FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT.....	10
2-ARMADILHA LUMINOSA PENDURADA NO SUPORTE DE MADEIRA CHAMADO “FORÇA”.....	12
3-DISTRIBUIÇÃO DAS ARMADILHAS LUMINOSAS NA FAZENDA SÃO NICOLAU, CÔTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	14
4-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Maruca vitrata</i> NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	68
5-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Paranerita</i> sp.2, NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	68
6-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Semiothisa</i> sp.3 NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	69
7-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Loxostege</i> sp.2, NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	69
8-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Hylesia</i> sp.2 NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	70
9-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Samea ecclesialis</i> , NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	71
10-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Macrosoma</i> sp. NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	71
11-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Norape plumosa</i> NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	72
12-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Eublemma</i> sp. NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	72

13-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Perasia</i> sp.2 NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	73
14-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Epitaua coppryi</i> NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	73
15-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Mocis latipes</i> NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	74
16-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Tiquadra</i> sp.2 NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	74
17-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Synchlora gerularia</i> NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	75
18-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Leucania striguscula</i> NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	75
19-FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE <i>Synchlora</i> sp.2 NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	76
20-DENDROGRAMA DO ESTUDO DE SIMILARIDADE ENTRE OS AMBIENTES PLANTIO CONSORCIADO (PC), CAPOEIRA (CAP), MATA RIPÁRIA (MR), FLORESTA NATIVA (FN) E <i>Tectona grandis</i> (TECA) NA FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.....	78

RESUMO

JANUÁRIO, Aline Bispo Santos. **Avaliação ecológica de lepidópteros em florestas plantadas e nativas, no município de Cotriguaçu, estado de Mato Grosso**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT. Orientador: Prof. Dr. Otávio Peres Filho.

Objetivou-se no presente estudo coletar, identificar e comparar, as principais espécies da ordem Lepidoptera presentes em florestas nativa e plantada, através da utilização de armadilhas luminosas, bem como estudar a flutuação populacional das principais espécies, aplicar e interpretar índices faunísticos (dominância, abundância, frequência, diversidade e constância) e Cluster. O experimento foi realizado na fazenda São Nicolau, município de Cotriguaçu-MT, propriedade da Organización Nacional de Fôret/Peugeot – ONF Brasil. O levantamento ocorreu em julho de 2007 a junho de 2008, na qual contou com a instalação de 15 armadilhas luminosas modelo “Luiz de Queiroz” adaptada, distribuídas em três armadilhas para cada ambiente: plantio de *Tectona grandis*, plantio de consórcio composto por espécies de *Ficus* spp., *Astronium* sp., *Jacaranda copaia*, *Syzygium jambolanum* e *Aspidosperma* sp., floresta nativa, capoeira e mata ripária. Os dados foram submetidos à análise faunística do programa ANAFU determinando-se os índices de dominância, abundância, frequência, diversidade e constância. A flutuação populacional foi feita levando-se em consideração as espécies de maior ocorrência classificadas como dominantes, muito abundantes, muito frequentes e constantes. No estudo de similaridades das áreas utilizou-se a análise de Cluster através do software Statistic. Foram coletados nos cinco ambientes um total de 4.160 indivíduos, 34 espécies comuns aos ambientes amostrado, sendo as famílias Crambidae, Noctuidae e Arctiidae as mais expressivas quantitativamente com 44,60%, 20,62% e 18,67%, respectivamente. A floresta nativa (H' : 4,08) e capoeira (H' : 3,76) foram os ambientes mais diversificados em espécies, enquanto que os ambientes *Tectona grandis* e consorciado foram mais representativos em quantidade de indivíduos coletados. Na classificação de comunidades houve similaridade nos ambientes capoeira e mata ripária. Em um contexto geral, a espécie *Maruca vitrata* foi a mais representativa quantitativamente. O pico populacional da maioria das espécies ocorreu no início do período chuvoso da região.

Palavras-chave: armadilha luminosa, flutuação populacional, Lepidoptera, levantamento populacional, análise faunística.

ABSTRACT

JANUÁRIO, Aline Bispo Santos. **Ecological assessment of Lepidopteran in planted and native forests, in the municipality of Cotriguaçu , State of Mato Grosso, Brazil.** 2011. Dissertation (M.Sc. in Forestry and Environmental Sciences) - Federal University of Mato Grosso, Cuiabá-MT. Adviser: Prof. Dr. Otávio Peres Filho.

The objectives of the studies was to collect, to identify and to compare the main species of Lepidoptera found in native and planted forests, by the use of light traps and also to study the populacional fluctuation of the main species, to apply and analyse faunal indices (dominance, abundance, frequency, diversity and constancy) and Cluster. The experiment was conducted at farm São Nicolau, municipality of Cotriguaçu, Sate of Mato Grosso, Brazil, propryet of the Organizacion Nationale du Fôret/Peugeot - ONF Brazil. The survey was done from July 2007 to June 2008, which included the installation of 15 light traps model "Luiz de Queiroz" adapted, distributed in three traps for each environment: plantation of *Tectona grandis*, intercropped planting composed of species of *Ficus* spp., *Astronium* sp., *Jacaranda copaia*, *Syzygium jambolanum* and *Aspidosperma* sp., native forest, secondary forest and riparian forest. The data were submitted to wildlife program ANAFAU determining indices of dominance, abundance, frequency, diversity and consistency. The fluctuation was done taking into account the most frequent species classified as dominant, very abundant, very frequent and constant. In the study of similarities of the areas was used cluster analysis by the software Statistic. Were collected in five environments a total of 4,160 individuals, 34 species common to the sampled environments, and the families Crambidae, Noctuidae, and Arctiidae quantitatively the most significant with 44.60%, 20.62% and 18.67% respectively. The native forest ($H' : 4,08$) and secondary forest ($H' : 3,76$) were the most diverse environments in species, while the environments *Tectona grandis* and intercropped planting were the most representative number of individuals collected. In the classification of communities there was similarity in secondary forest environments and riparian forest. In a general context, the specie *Maruca vitrata* was quantitatively the most representative. The population peak of most species occurred at the beginning of the rainy season in the region.

Keywords: light trap, population fluctuation, Lepidoptera, population survey, faunistic analysis.

1 INTRODUÇÃO

A destruição das áreas naturais ocasiona alterações e transformações nos habitats. Muitos organismos, suscetíveis às mudanças bruscas sofrem danos irreparáveis. Atualmente, uma das grandes preocupações ambientais é a perda da diversidade biológica pela degradação de ambientes e a respectiva destruição de suas populações naturais. Neste caso, a identificação e o registro dos organismos tornam-se uma medida necessária.

A grande diversidade de insetos em fragmentos de um mesmo ecossistema tem levado a investigações minuciosas das suas diferenças, principalmente, quando se trata de organismos que são sensíveis às pequenas variações ambientais como os lepidópteros, considerados importantes indicadores da ação antrópica no ambiente (BROWN JR. e FREITAS, 2000).

As diferenças na flora podem também influenciar a composição e a diversidade de lepidópteros, visto que os mesmos constituem uma das ordens mais diversas de insetos e têm representantes de fácil coleta, como as mariposas, que são atraídas por armadilhas luminosas.

Em paisagens antrópicas muito fragmentadas, apenas poucas espécies resistentes ou colonizadoras, de hábitos generalistas e melhor adaptadas às condições desfavoráveis do meio atingem densidades populacionais muito altas, invadindo rapidamente estes habitats, modificando a diversidade. (BROWN JR. e FREITAS, 1999).

Desmatamentos e formação de pastagens levam a uma perda na riqueza e/ou diversidade de espécies de diversos grupos de insetos. Com a crescente necessidade da utilização de áreas naturais para fins econômicos, como agricultura e pecuária, ou simplesmente para alocação de populações humanas e urbanização, percebe-se, cada vez mais, a substituição ou a alteração dos ecossistemas das mesmas.

Há necessidade da restituição de áreas naturais, minimizando o impacto das modificações ambientais. O manejo dos recursos naturais deve ser realizado de forma a serem protegidos das ações humana, com

intuito de manter ou maximizar a diversidade dos organismos na paisagem.

O Brasil, devido a sua grande área, possui uma riqueza de espécies que ocorrem distintamente de acordo com as características dessas regiões. Portanto, toda vez que se expandir as áreas florestadas e reflorestadas torna-se fundamental conhecer a entomofauna de cada região do território brasileiro, com o intuito de se aplicar as tecnologias corretas e ecológicas de controle das espécies consideradas como pragas. Também é fundamental que se conheça a entomofauna benéfica (polinizadores, predadores, parasitóides, decompositores, etc.) no intuito de se avaliar a qualidade ambiental das florestas remanescentes e plantadas.

O propósito deste trabalho foi coletar, identificar e comparar, espécies da ordem Lepidoptera presentes em ambientes de floresta nativa e plantada, através da utilização de armadilhas luminosas, bem como estudar a flutuação populacional das principais espécies, aplicar e interpretar índices faunísticos (dominância, abundância, frequência, diversidade e constância) e análise de *cluster*. Os resultados obtidos contribuirão para o conhecimento da entomofauna benéfica e daninha aos reflorestamentos com espécies de valor comercial no estado de Mato Grosso, assim como o conhecimento dos bioindicadores ambientais que possam trazer informações sobre o estado da qualidade ambiental (alterado ou não).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ASPECTOS ECOLÓGICOS

As plantas, principalmente as tropicais, passaram por uma história evolutiva de intensa pressão de herbivoria, tendo sido selecionadas de acordo com as suas defesas físicas e químicas (COLEY e AIDE, 1991).

Os insetos na sua evolução adquiriram características que lhes beneficiaram quanto aos problemas de suprimento de alimento, proteção contra inimigos, adaptação a condições ambientais específicas e organização social, formando atualmente, o grupo dominante de animais na Terra (BORROR e DELONG, 1988).

Os insetos desempenham papel importante nos ecossistemas terrestres na ciclagem de nutrientes, como herbívoros, polinizadores e alimento para outros organismos (SUMMERVILLE et al., 2004). Assim, a conservação de insetos é de fundamental importância para a preservação e manutenção dos ambientes naturais (BROWN, 1996).

A preservação da paisagem tem sido apontada como uma alternativa prática para a conservação da diversidade biológica (SIMONSON et al., 2001), e o entendimento das interações entre os organismos e seus ambientes é um dos grandes desafios para o manejo destas paisagens (FLEISHMAN et al., 1998).

Como os artrópodos, em geral, respondem rapidamente a mudanças ambientais e apresentam alta diversidade, é considerado um grupo importante nos estudos sobre biodiversidade (LONGINO, 1994). A diversidade de insetos influencia a dinâmica dos ecossistemas por intermédio de numerosos mecanismos, como decomposição da serrapilheira, polinização, supressão do crescimento de plantas e servindo como presa a carnívoros (SEASTEDT e CROSSLEY, 1984).

A habilidade de um inseto de se alimentar adequadamente envolve uma sequência de comportamentos onde cada etapa facilita a seguinte, sendo cinco as fases principais: (1) a localização do habitat da

planta hospedeira; (2) o encontro da planta hospedeira; (3) o reconhecimento do alimento; (4) a aceitação; (5) a adequação deste alimento (EDWARD e WRATTEN, 1981).

Além de alimento, as plantas fornecem também um lugar para o inseto viver e se reproduzir. Os insetos fitófagos dependem das plantas para sobreviver e estão sujeitos a todas as mudanças que resultam das alterações entre estas e o ambiente (PIZZAMIGLIO, 1991).

Os problemas mais evidentes do ponto de vista dos insetos são: a localização da planta hospedeira em meio a uma grande variedade de plantas; a exposição às variações de temperatura, ventos e chuvas; a permanência nas plantas e a penetração na superfície do alimento (folhas lisas, cerosas e pilosas) e a utilização de uma fonte de alimento que pode ser inadequada do ponto de vista nutritivo (EDWARDS e WRATTEN, 1981).

2.2 A ENTOMOFAUNA EM FLORESTAS PLANTADAS

Na maioria dos casos relatados de fragmentação de florestas tropicais houve perda de espécies por meio, principalmente, da destruição do seu habitat redução do tamanho da população inibição ou redução da migração efeito de borda alterando o microclima, principalmente em fragmentos menores eliminação de espécies dependentes de outras já extintas, imigração de espécies exóticas para as áreas desmatadas circundantes e, posteriormente, para o fragmento. Espécies raras e com pequena área de distribuição, assim como aquelas que necessitam de habitats muito amplos ou especializados, parecem mais suscetíveis aos efeitos da fragmentação (TURNER, 1996).

Hunter Júnior (1990) cita que a redução da diversidade em plantações florestais pode ter sérias consequências para as próprias árvores, pois o preço da baixa diversidade pode ser a diminuição da resistência ao estresse.

As Florestas homogêneas têm sido plantadas para minimizar o desmatamento e propiciar fontes energéticas, sendo as espécies do

gênero *Eucalyptus*, as mais utilizadas, devido a sua adaptação às condições climáticas do País (SANTOS et al., 2000).

A introdução de plantas exóticas atua, diretamente, sobre o ecossistema, principalmente, em reflorestamentos com grande volume de material homogêneo (ZANUNCIO et al., 1998). As reações podem ser adversas, como a não adaptação devido ao clima, a competição por recursos com espécies nativas mais adaptadas à região e ataque por desfolhadores nativos (SANTOS et al., 1996; HOLTZ et al., 2003). No entanto, estes efeitos podem ser reduzidos por estruturas e compostos químicos, o quais representam defesas constitutivas das plantas (STOTZ et al., 2000), como óleos essenciais (VITTI e BRITO, 2003) ou pode ser severo quando os herbívoros conseguem quebrar as barreiras químicas da planta.

Dall'Oglio e Zanuncio (2000) destacam a fragilidade de plantios homogêneos. Segundo os autores, monoculturas são ecossistemas simplificados, onde os insetos herbívoros podem ser mais abundantes e causar maiores danos. Assim, a população de insetos dentro dos ecossistemas florestais nativos ou exóticos, florestados ou reflorestados, deve ser estudada em profundidade para se evitar surpresas, devido ao desconhecimento de certas variáveis importantes, quando do surgimento de uma espécie-praga em potencial (VIANA, 1999).

Os levantamentos populacionais e o conhecimento de fatores que regulam as populações de insetos pragas podem auxiliar na adoção de técnicas de manejo adequadas e reduzir o custo de controle dessas pragas (PEREIRA et al., 1994).

Segundo Root (1973), as monoculturas abrem caminho para infestações de pragas, em virtude da concentração de recursos e de uma condição física uniforme, que fomenta a invasão de insetos. A abundância e a eficiência dos parasitóides e predadores são reduzidas, por não encontrarem, nesse ambiente simplificado, fontes adequadas de alimento, abrigo e locais de reprodução. Além disso, o uso de agroquímicos em monoculturas prejudica, também, esses inimigos naturais, enquanto os insetos-praga podem se recuperar melhor, por apresentarem, geralmente,

estratégias de sobrevivência mais dinâmicas e diversificadas (ALTIERI, 1989).

Reis e Reis (1994) relataram que a estabilidade ambiental de plantios homogêneos pode ser melhorada por meio do aumento da biodiversidade, não só pelo uso de práticas de menor impacto para aumentar a população da mesofauna, avifauna e microbiota, mas também a da entomofauna, cujos componentes são importantes para manutenção do equilíbrio biológico, reduzindo a necessidade do uso de biocidas.

Considerando que as áreas de vegetação nativa exercem papel importante no equilíbrio biológico de insetos, nas regiões de monoculturas, é necessário realizar maior número de estudos, visando conseguir possíveis respostas da estrutura da entomofauna. Tal procedimento contribuirá para elaboração de técnicas mais racionais de manejo, no combate aos desequilíbrios de populações de insetos em reflorestamentos. No Brasil, pouco se sabe a respeito da influência de reservas nativas sobre a composição e estrutura da fauna desses reflorestamentos (CAMPOS, 1991).

2.3 A ENTOMOFAUNA EM RESERVAS NATURAIS

Plantas nativas têm maior tempo de co-evolução com seus fitófagos, o que facilita o desenvolvimento de formas de defesas contra herbivoria. No entanto, para fugir dessas defesas, os herbívoros migram para a planta introduzida e se adaptam para vencer barreiras de defesas constitutivas (HOLTZ et al., 2003).

Lepidópteros em geral têm sido considerados importantes indicadores por atuarem nos ecossistemas florestais desempenhando funções de desfolhadores, decompositores, presas ou hospedeiros de carnívoros, estando a sua diversidade relacionada à reciclagem de nutrientes, dinâmica populacional de plantas e à relação predador-presa de um ecossistema (SILVEIRA NETO et al., 1995; HAMMOND e MILLER, 1998).

Desfolhadores de eucalipto no Brasil incluem lepidópteros de plantas nativas, principalmente, da família Myrtaceae, como a jabuticabeira, goiabeira e guabirobeira (ZANUNCIO et al., 1990). Esses insetos podem se alimentar de plantas nativas no sub-bosque ou áreas adjacentes (SANTOS et al., 2000), mas sem registro de surtos o que pode ser devido a inexistência de grandes áreas plantadas com as mesmas. Aparentemente, os lepidópteros desfolhadores sobrevivem em mirtáceas nativas brasileiras, como hospedeiros de origem, sem surtos populacionais (SANTOS et al., 2000; HOLTZ et al., 2003).

As condições ambientais em uma floresta são bastante diferentes quando comparada com uma área aberta. A destruição dos ambientes naturais para a criação de pastagens ou monoculturas provoca alterações nos fatores abióticos, ocasionando mudanças na estrutura e composição das comunidades, que podem sofrer perda de espécies não adaptadas às novas condições ambientais (MEDRI e LOPES, 2001).

Campos (1991) relatou a substituição de vegetação nativa, diversificada e estabelecida ao longo de milhares de anos, por maciços florestais homogêneos, representando uma alteração ecológica que pode resultar em problemas ambientais e econômicos. Segundo Almeida et al. (1987) tal fato se deve à menor diversidade biológica em florestas de rápido crescimento, à falta de planejamento ambiental para o estabelecimento racional das reservas de vegetação natural, à oferta, praticamente ilimitada, de alimento aos insetos-praga e à redução acentuada de inimigos naturais. Fragmentos e corredores de vegetação nativa, associada a florestas homogêneas, podem ser usados como estratégia de manejo, visando aumentar a biodiversidade de inimigos naturais e reduzir os problemas com insetos pragas (SANTOS et al., 2002; TEJA e ROLAND, 2004).

2.4 LEVANTAMENTO DA ENTOMOFAUNA ATRAVÉS DE ARMADILHAS LUMINOSAS

O levantamento de insetos por diferentes meios de amostragem é de fundamental importância em seus estudos ecológicos, pois é praticamente impossível quantificar todos os insetos de um habitat, e estes estudos só poderão ser realizados mediante estimativas de populações por meio de amostras (SILVEIRA NETO et al., 1976).

Entre os métodos de amostragem mais empregados para o estudos entomofaunísticos, está o levantamento através de armadilhas luminosas. Além das coletas de insetos, sua utilização contempla a distribuição e flutuação dos insetos, controle de pragas e análises entomofaunísticas de insetos noturnos fototrópicos positivos (FERREIRA e MARTINS, 1982).

A maior parte dos insetos-praga é fototrópica positiva, sendo as mariposas um bom exemplo. Geralmente, esses insetos podem ser monitorados e até controlados por meio de armadilhas luminosas (NAKANO e LEITE, 2000).

Um dos métodos mais utilizados, em levantamentos populacionais de insetos, é a armadilha luminosa que é um instrumento destinado à coleta de insetos fototrópicos positivos, ou seja, aqueles que habitualmente voam no crepúsculo ou à noite (COMMON, 1964; SILVEIRA NETO et al., 1976).

A grande diversidade, por vezes aliada a espécies com níveis populacionais elevados faz com que as mariposas constituam a maior proporção dos lepidópteros amostrados com armadilhas luminosas (CHEY et al., 1997; CAMARGO, 1999).

O uso de luz na coleta de mariposas é muito difundido, existindo vários estudos sobre modelo de armadilhas e fonte luminosas eficientes para a coleta e avaliação do número de indivíduos e espécies (FRY e WARING, 1996).

No Brasil, as armadilhas luminosas são utilizadas desde 1964, pelo Departamento de Entomologia da ESALQ/USP e outras Instituições (VENDRAMIM et al., 1992). Segundo Almeida et al. (1998) a armadilha

luminosa mais comum é a do modelo “Luiz de Queiroz”, desenvolvida pelo Departamento de Entomologia da ESALQ, Piracicaba/SP. A armadilha luminosa, modelo "Luiz de Queiroz" foi bastante estudada, modificada e comparada com outros modelos e apresentou desempenho satisfatório na coleta de insetos, de modo que tem sido bastante empregada por pesquisadores (SILVEIRA NETO e HADDAD 1984, NAKAYAMA et al., 1979).

O uso criterioso de armadilhas luminosas pode fornecer dados sobre a fauna local, que podem ser associados aos fatores bióticos e abióticos (KITCHING et al., 2000). Temperatura, influência da lua, chuvas, ventos, neblina, altura e periodicidade de vôo, atraente sexual, conforme Kober (1982), são fatores que influenciam na atratividade dos insetos às armadilhas luminosas.

Levantamentos populacionais, em plantios são realizados com armadilhas luminosas por apresentarem alta eficiência na coleta de insetos e ser um método fácil e de baixo custo (MELLO et al., 2001; LARANJEIRO, 2003).

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

As coletas foram realizadas na fazenda São Nicolau, propriedade da Organização Nacional do Fôret/Peugeot – ONF, Brasil, localizada no bioma Floresta Amazônica na porção do noroeste do estado de Mato Grosso, no município de Cotriguaçu (Figura 1).



FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DA FAZENDA SÃO NICOLAU EM COTRIGUAÇU-MT

Localizada entre as coordenadas geográficas obtidas pelo sistema de posicionamento global – GPS em UTM (Universal Transverse Mercator):

- Limite Norte-Leste (rio): N= 8916237,45
E= 365405,25
- Limite Norte-Oeste: N= 8916657,16
E= 354438,99
- Limite Sul-Leste (rio): N= 8906348,28
E= 363716,81
- Limite Sul-Oeste: N= 8907427,00
E= 355615,46

A fazenda compreende uma área total de 10.134,43 ha, sendo 2.907,55 ha 'desmatada (floresta nativa que foi substituída por pastagem entre 1974 e 1997), 2.000 ha de reflorestamento, 294,14 ha com vegetação remanescente e 6.932,74 ha de floresta nativa, constituindo a reserva legal da propriedade.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

O clima na região, de acordo com a classificação de Köppen, pertence ao grupo A – Clima tropical chuvoso. O tipo climático é o “Am”, que intercala pequeno período de seca inferior a 60 mm no mês mais seco. As temperaturas médias anuais são elevadas durante o ano, compatíveis com a tropicalidade da área, entre 23° a 25°C, sendo os meses da primavera-verão os mais quentes, que coincide com o período mais chuvoso e precipitação pluviométrica abundante. No período de inverno ocorrem as mais baixas temperaturas (BRASIL, 1982).

O regime pluviométrico expressa o caráter de transição entre dois domínios tropicais, a Amazônia Úmida e o Planalto Central Brasileiro, com duas estações bem marcadas, uma chuvosa e outra seca. O período chuvoso, de setembro a abril, concentra mais de 80% das precipitações ocorridas durante todo o ano, limitada pelas isoietas de 2500 a 2750mm. Assim, devido ao caráter de transição, o período seco ocorre nos meses de maio a agosto, considerada estação do inverno (BRASIL, 1982).

O relevo é plano e suavemente ondulado. Os solos predominantes da área são o Argissolo Vermelho-Amarelo, distrófico e alumínico, com textura argilosa, ocorrendo ainda, em menores proporções, os solos Neossolos Litólicos, em locais de relevo mais movimentado e os solos Gleissolos Melânicos, às margens do Rio Juruena (EMBRAPA, 1999).

A fisionomia da Formação submontana, subformação com Palmeiras, revela-se pelos adensamentos de palmeiras intercaladas aos elementos arbóreos, formando um dossel superior uniforme e contínuo

(BRASIL, 1982). A região de Floresta Ombrófila Aberta é denominada de faixa de transição entre a Amazônia e o resto do país.

3.3 ARMADILHAS LUMINOSAS

Para as coletas dos insetos da ordem Lepidoptera (fototrópicos positivos) foram empregadas 15 armadilhas luminosas modelo “Luiz de Queiroz” (SILVEIRA-NETO e SILVEIRA, 1969) adaptadas com lâmpadas ultravioleta fluorescente de 15 watts e 100 volts, e bateria automotiva como fonte de energia, diferenciadas apenas pela colocação de uma sacola plástica (saco de lixo de 100 litros contendo papel picado que dificulta a fuga dos lepidópteros) (Figura 2).



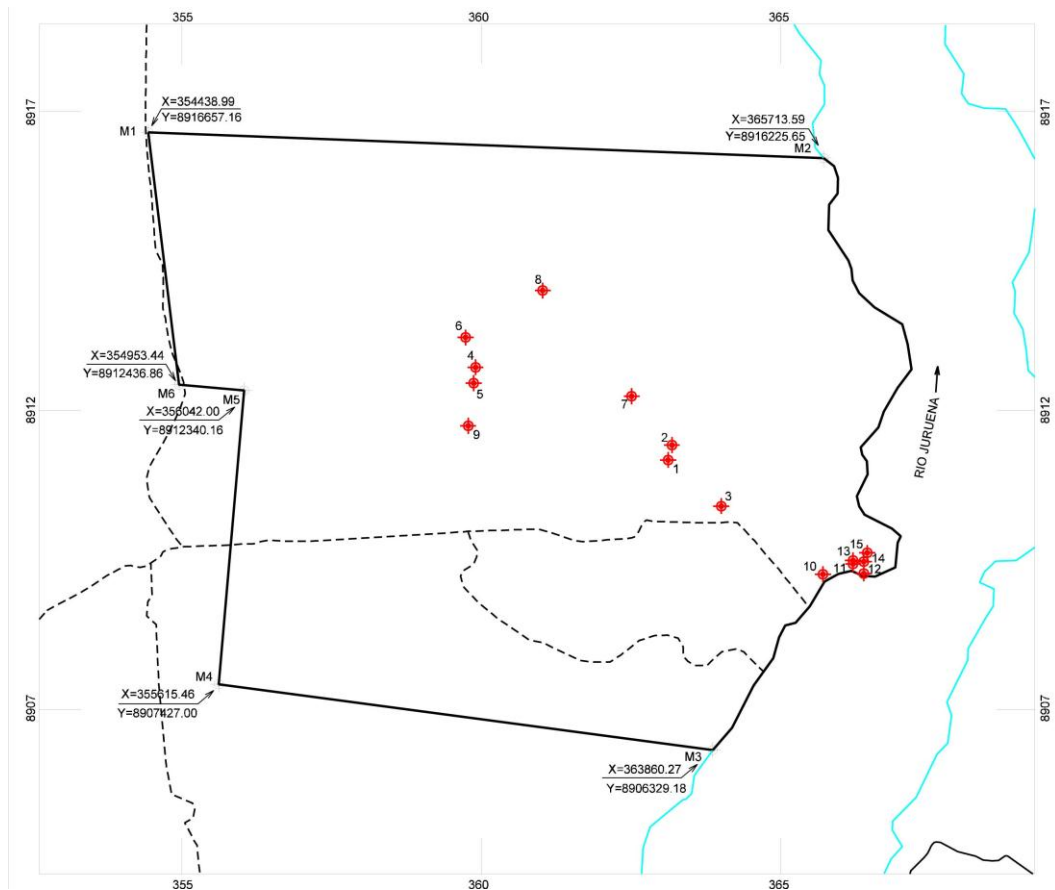
FIGURA 2 – ARMADILHA LUMINOSA PENDURADA NO SUPORTE DE MADEIRA CHAMADO “FORCA”

As armadilhas foram instaladas a 1,5 metros do solo em suporte de madeira denominado “forca”, acionadas no período noturno às 18:00h e desligadas no dia seguinte às 6:00h, distribuídas em cinco ambientes diferentes (Tabela 1) com três armadilhas por ambiente (Figura 3), totalizando 15 armadilhas.

O período de levantamento ocorreu de julho de 2007 a junho de 2008 de forma quinzenal, porém as análises foram feitas mensalmente, considerando-se, portanto, um total de 12 coletas.

TABELA 1 - CARACTERÍSTICAS DOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Ambiente	Armadilha	Talhão	Cobertura florestal	Ano Plantio	Espaçamento (m)	Principais espécies
1	1	24a	Florestamento	2002	3x2	<i>Tectona grandis</i>
	2	24b	Florestamento	2002	3x2	<i>Tectona grandis</i>
	3	33	Florestamento	2001	3x3	<i>Tectona grandis</i>
2	4	74	Florestamento	2002	6x3	4 espécies de <i>Ficus</i> , <i>Jacaranda copaia</i> .
	5	75	Florestamento	2002	6x3	3 espécies de <i>Ficus</i> , <i>Jacaranda copaia</i> .
	6	78	Florestamento	2002	6x3	2 espécies do gênero <i>Ficus</i> , <i>Astronium</i> sp., <i>Aspidosperma</i> sp. e <i>Syzygium jambolanum</i> .
3	7	---	Floresta nativa	---	---	---
	8	---	Floresta nativa	---	---	---
	9	---	Floresta nativa	---	---	---
4	10	---	Mata ripária	---	---	---
	11	---	Mata ripária	---	---	---
	12	---	Mata ripária	---	---	---
5	13	---	Capoeira	---	---	---
	14	---	Capoeira	---	---	---
	15	---	Capoeira	---	---	---



Coordenadas das armadilhas UTM = 1: x: 363.117.00, y: 8911178.00, / 2: x: 363.178.00, y: 8911425.00, / 3: x: 364.003.00, y: 8910406.00, / 4: x: 359901.00, y: 8912728.00 / 5: x: 359871.00, y: 8912462.00, / 6: x: 359736.00, y: 8913225.00, 7: x: 362509.00, y: 8912242.00, / 8: x: 361024 y: 8914009.00, / 9: x: 359779.00, y: 8911749.00, / 10: x: 365701.00, y: 8909268.00, / 11: x: 366204.00, y: 8909439.00, / 12: x: 366381.00, y: 8909281.00, / 13: x: 366203.00, y: 8909497.00, / 14: x: 366381.00, y: 8909480.00, / 15: x: 366440.00, y: 8909623.00,

FIGURA 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS ARMADILHAS LUMINOSAS NA FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 a 2008.

3.4 IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL

O material coletado era guardado em sacos plásticos etiquetados com a data e identificação da armadilha e enviados ao Laboratório de Proteção Florestal - LAPROFLOR, da Faculdade de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e acondicionado em freezer.

Os Lepidópteros coletados foram triados e devidamente quantificados, codificados, registrados de acordo com a armadilha e data de coleta e secos em estufa no laboratório a 60°C por 72 horas.

Posteriormente, as espécies foram montadas, acondicionadas em caixas entomológicas com paraformaldeído e encaminhados ao Prof. Dr. Sinval Silveira Neto, da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), para identificação, e como suporte comparativo utilizou-se da coleção entomológica do Museu da ESALQ/USP.

Os exemplares coletados foram identificados ao nível de família, gênero e quando possível de espécie e encontram-se depositados na coleção entomológica da Faculdade de Engenharia Florestal/UFMT.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram submetidos à análise faunística através do programa ANAFU (MORAES et al., 2003), levando-se em consideração os métodos de LAROCCA e MIELKE (1975) e SAKAGAMI e LAROCCA (1967), foram determinados os índices de dominância, abundância, frequência e constância.

A diversidade de espécies em cada ambiente foi calculada pelo índice de Shannon-Wiener (H'). Adicionalmente, utilizou-se o exponencial desse índice para comparar a magnitude da diferença de diversidade dos ambientes amostrados, cujo valor é equivalente à diversidade de Hill de primeira ordem: $N1 = \exp(H')$, que expressa o resultado em termos de número efetivo de espécies (HILL, 1973; JOST, 2006).

3.5.1 Flutuação Populacional

No estudo da flutuação populacional foi considerado somente as espécies que ocorreram na análise faunística como dominantes, muito

abundantes, muito frequentes e constantes dentro dos ambientes amostrados.

3.5.2 Coeficiente de correlação linear simples

Utilizou-se o método de correlação linear simples foi calculado através do programa Microsoft Office Excell 2007, para determinar o relacionamento existente entre o número determinar o relacionamento existente entre o número de insetos coletados e a umidade relativa do ar.

3.5.3 Análise de Agrupamento

No estudo de similaridades entre áreas em relação a distribuição dos indivíduos, foi realizada análise de agrupamento ou *Cluster* pelo método da distância média (*Unweighted Pair Groups Method using Arithmetic Averages* - UPGMA), utilizando o programa STATISTIC 7.0.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Foram coletados 4.160 lepidópteros distribuídos em 300 espécies e 30 famílias. *Maruca vitrata* (Crambidae) foi a espécie mais abundante com um total de 667 indivíduos (16,03%), seguida de *Hylesia* sp.2 (Saturniidae) com 339 indivíduos (8,15%) distribuídas nos cinco ambientes avaliados na Fazenda São Nicolau, entre julho de 2007 e julho de 2008 (Tabela 2).

Maruca vitrata esteve presente nas cinco áreas com maior representatividade quantitativa nos plantios de *Tectona grandis* e consorciado com 215 (15,72%) e 281 indivíduos (22,81%), respectivamente (Tabela 2).

M. vitrata se destaca em trabalhos como em Quintela (2002) e Salas (2009), por estar relacionada como praga de importância agrícola de leguminosas, conhecida também como lagarta das vagens.

O sistema de defesa das plantas tem o potencial de afetar a sobrevivência, a fecundidade e o desenvolvimento de insetos fitófagos e, conseqüentemente, a sua abundância (KARBAN e BALDWIN, 1997; GOULD 1998). Estes, para fugirem da pressão exercida pelas plantas sobre suas populações, também desenvolveram mecanismos de defesa, tais como a migração para novos hospedeiros (AGRAWAL, 1998), tal fato pode justificar a presença de *M. vitrata* em um plantio misto florestal.

Outra hipótese para explicar a presença expressiva dessa espécie é a possibilidade de seus inimigos naturais, ainda não terem se adaptado para localizar as presas. Além disso, a introdução de cultivos novos ou exóticos também pode levar a introduzir insetos exóticos, que ainda não tem inimigos naturais naquele ambiente (NICHOLLS et al., 1999).

Hylesia sp.2 (Saturniidae) com 339 indivíduos (8,15%), foi representativo quantitativamente no Plantio Consorciado com 126

indivíduos (10,23%) seguido do Plantio de *Tectona grandis* com 83 indivíduos (6,08%) (Tabela 2).

O gênero *Hylesia*, exclusivamente neotropical, é composto por aproximadamente 110 espécies muito semelhantes entre si e de difícil identificação (LEMAIRE, 2002). Possui importância tanto como desfolhadora de plantas, como pela sua ação urticante durante a fase larval e adulta.

Na floresta nativa foram registrados 750 indivíduos, pertencentes a 172 espécies e 22 famílias (Tabela 2). Enquanto *Paracles* sp.2 (Arctiidae), com 111 indivíduos (14,80%) foi a espécie mais representativa, as famílias Arctiidae (23,35%), Crambidae (16,42%), Saturniidae (15,63%) e Noctuidae (13,47%) apresentaram 175, 123, 117 e 101 indivíduos, respectivamente (Tabela 2).

Ao comparar as espécies e indivíduos da floresta nativa com as dos plantios de teca e consorciado (Tabela 2), percebe-se que na floresta nativa houve maior número de espécies e menor número de indivíduos, o que resulta em uma diversidade de espécies propiciando um ambiente equilibrado ecologicamente, devido a ausência de espécies dominantes.

Devido à tendência atual de preservar parte dos remanescentes florestais nativos e outros recursos naturais, aliada à criação de corredores naturais entremeando povoamentos florestais e ligando fragmentos nativos isolados, podem ser esperados menores problemas com agentes daninhos, principalmente lepidópteros-desfolhadores. Esta iniciativa permite a diversificação do estrato vegetal, tornando o ecossistema mais heterogêneo, o que propiciará a proliferação e a manutenção de inimigos naturais. (SANTOS et al., 2002).

Na mata ripária foram registrados 463 indivíduos, distribuídos em 113 espécies e 20 famílias (Tabela 2). As espécies *Maruca vitrata* (13,60%) e *Hylesia* sp.2 (9,28%) foram representadas por 63 e 43 indivíduos, respectivamente, onde se destacaram quantitativamente. Essas espécies mostraram que já se encontram adaptadas ou em fase de adaptação em vários ambientes, portanto devem ser monitoradas, devido aos danos que podem causar nos diferentes hospedeiros.

Na área de capoeira, foram registrados 348 indivíduos, pertencentes a 107 espécies e 19 famílias, sendo o ambiente com o menor número de indivíduos, espécies e famílias do presente estudo (Tabela 2).

As famílias Crambidae (28,44%), Noctuidae (15,51%), Geometridae (14,64%) e Arctiidae (13,81%) apresentaram 99, 54, 51 e 48 indivíduos, respectivamente (Tabela 2). As espécies *Loxostege* sp.2 (13,50%) e *M. vitrata* (10,91%) com 47 e 38 indivíduos, respectivamente, foram as mais expressivas em quantidades de indivíduos coletados (Tabela 2).

A Capoeira (floresta secundária) surge após a destruição da cobertura vegetal primitiva (ação antrópica) para uso agrícola ou pecuária e posterior abandono, obedecendo a uma sucessão natural. Esses organismos desenvolveram adaptações que os capacitaram para viver em todos os ambientes, toda essa capacidade de propagar-se e explorar novos ecossistemas proporcionaram aos insetos uma alta diversidade de hábitos alimentares, o que poderia justificar o aparecimento das espécies consideradas pragas.

TABELA 2 – QUANTIDADE (N) DAS ESPÉCIES IDENTIFICADAS NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consortiado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Acrolophidae						
<i>Acrolophus</i> sp.1	5 (0,37%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	6 (0,15%)
<i>Acrolophus</i> sp.2	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Apatelodidae						
<i>Apatelodes pandara</i> (Druce, 1893)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Olceclostera nina</i> (Stoll, 1782)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Arctiidae						
<i>Aclytia heber</i> (Cr., 1780)	2 (0,15%)	4 (0,32%)	2 (0,27%)	3 (0,64%)	0 (0,00%)	11 (0,27%)
<i>Ammalo</i> sp.	1 (0,07%)	1 (0,08%)	3 (0,40%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Belemnia inaurata</i> (Sulzer., 1776)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	4 (0,54%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	6 (0,15%)
<i>Cosmosoma</i> sp.	25 (1,83%)	22 (1,78%)	14 (1,87%)	3 (0,64%)	2 (0,57%)	66 (1,59%)
<i>Dycladia lucetius</i> (Stoll, 1781)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Dysschema sacrificia</i> (Hueb., 1825)	5 (0,37%)	4 (0,32%)	1 (0,13%)	2 (0,43%)	0 (0,00%)	12 (0,29%)
<i>Dysschema</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Dysschema</i> sp.2	2 (0,15%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,57%)	7 (0,17%)
<i>Dysschema</i> sp.3	0 (0,00%)	2 (0,17%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Dysschema</i> sp.4	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Dysschema</i> sp.5	3 (0,22%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Dysschema subapicalis</i> (Walk.,1859)	0 (0,00%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Epidasma</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Eucereon rosa</i> (Walk., 1854)	2 (0,15%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	2 (0,57%)	6 (0,15%)
<i>Eucereon</i> sp.	27 (1,98%)	23 (1,86%)	4 (0,54%)	4 (0,86%)	1 (0,29%)	59 (1,42%)
<i>Evius albicoxae</i> (Schs., 1905)	1 (0,07%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Hyalurga</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Hyalurga</i> sp.2	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Hyalurga</i> sp.3	0 (0,00%)	10 (0,81%)	3 (0,40%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	13 (0,32%)
<i>Hyalurga syma</i> (Walk.,1854)	3 (0,22%)	3 (0,25%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	7 (0,17%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consortiado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Arctiidae						
<i>Hypercompe</i> sp.	3 (0,22%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	6 (0,15%)
<i>Hypocrita</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Hyponerita tipolis</i> (Druce, 1896)	7 (0,51%)	7 (0,57%)	5 (0,67%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	21 (0,51%)
<i>Idalus herois</i> (Schs., 1889)	2 (0,15%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	6 (0,15%)
<i>Lepidokirbyia</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Leucanopsis</i> sp.1	1 (0,07%)	0 (0,00%)	2 (0,27%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Leucanopsis</i> sp.2	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Melese</i> sp.1	21 (1,54%)	3 (0,25%)	2 (0,27%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	27 (0,65%)
<i>Melese</i> sp.2	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Melese</i> sp.3	2 (0,15%)	6 (0,49%)	2 (0,27%)	1 (0,22%)	3 (0,86%)	14 (0,34%)
<i>Neonerita</i> sp.	20 (1,46%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	2 (0,43%)	1 (0,29%)	24 (0,58%)
<i>Nodozana fifi</i> (Dognin., 1891)	0 (0,00%)	2 (0,17%)	4 (0,54%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	8 (0,20%)
<i>Nodozana thricophora</i> (Druce., 1885)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Opharus</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Paracles paula</i> (Schs., 1896)	11 (0,81%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	3 (0,64%)	0 (0,00%)	16 (0,39%)
<i>Paracles</i> sp.1	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Paracles</i> sp.2	48 (3,52%)	77 (6,25%)	111 (14,80%)	25 (5,39%)	25 (7,18%)	286 (6,88%)
<i>Paracles</i> sp.3	7 (0,51%)	4 (0,32%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	13 (0,32%)
<i>Paranerita</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
<i>Paranerita</i> sp.2	5 (0,37%)	16 (1,30%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	23 (0,56%)
<i>Pareuchaetes insulata</i> (Walk., 1855)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Poliospatea indistincta</i> (Butler, 1876)	0 (0,00%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Psoloptera</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Pygarctia</i> sp.	1 (0,07%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Saurita sericea</i> (Her.-Sch., 1854)	5 (0,37%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Sciopsyche</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	6 (0,80%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	8 (0,20%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consortiado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Arctiidae						
<i>Trichura cerberus</i> (Pall., 1772)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Utetheisa ornatix</i> (L., 1758)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Viviennea</i> sp.	4 (0,29%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
Cossidae						
<i>Morpheis pyracmon</i> (Cr., 1780)	4 (0,29%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	8 (0,20%)
Crambidae						
<i>Agathodes designalis</i> (Guen., 1854)	2 (0,15%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	3 (0,86%)	7 (0,17%)
<i>Agathodes</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Diaphania hyalinata</i> (L., 1758)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	3 (0,07%)
<i>Dichogama redtenbacheri</i> (Lederer, 1863)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Hyalea</i> sp.	0 (0,00%)	3 (0,25%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Loxostege</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	2 (0,57%)	3 (0,07%)
<i>Loxostege</i> sp.2	83 (6,08%)	84 (6,82%)	28 (3,74%)	41 (8,85%)	47 (13,50%)	283 (6,80%)
<i>Maruca vitrata</i> (Fabr., 1787)	215 (15,72%)	281 (22,81%)	70 (9,34%)	63 (13,60%)	38 (10,91%)	667 (16,03%)
<i>Mesocondyla dardusalis</i> (Walk., 1859)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Nomophila noctuella</i> (Schif., 1776)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Noorda esmeralda</i> (Hamps., 1899)	10 (0,73%)	11 (0,89%)	5 (0,67%)	5 (1,07%)	1 (0,29%)	32 (0,53%)
<i>Omiodes indicatus</i> (Fabr., 1794)	1 (0,07%)	2 (0,17%)	2 (0,27%)	17 (3,67%)	0 (0,00%)	22 (0,53%)
<i>Palpita quadristigmalis</i> (Guen., 1854)	2 (0,15%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	5 (0,12%)
<i>Phostria tedeia</i> (Cr., 1782)	0 (0,00%)	3 (0,25%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	6 (0,15%)
<i>Polygrammodes ostrealis</i> (Guen., 1854)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Polygrammodes</i> sp.	0 (0,00%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Samea ecclesialis</i> (Guen., 1854)	8 (0,59%)	31 (2,51%)	5 (0,67%)	18 (3,88%)	2 (0,57%)	64 (1,54%)
<i>Samea</i> sp.	2 (0,15%)	5 (0,40%)	4 (0,54%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	11 (0,27%)
<i>Siga liris</i> (Cr., 1775)	2 (0,15%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	2 (0,43%)	1 (0,29%)	7 (0,17%)
<i>Syngamia florella</i> (Stoll, 1781)	6 (0,44%)	4 (0,32%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	13 (0,32%)
Dalceridae						
<i>Acraga</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consorciado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Geometridae						
<i>Epimecis puellaria</i> (Guen., 1857)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	3 (0,07%)
<i>Epimecis</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	3 (0,86%)	4 (0,10%)
<i>Epimecis</i> sp.2	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,64%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Leuciris minutepunctaria</i> (Oberthur, 1916)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Oospila</i> sp.	3 (0,22%)	1 (0,08%)	7 (0,94%)	0 (0,00%)	2 (0,57%)	13 (0,32%)
<i>Oxydia agliata</i> (Guen., 1857)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,40%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Oxydia</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
<i>Oxydia</i> sp.2	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Oxydia vesulia</i> (Cr., 1779)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Pero amanda</i> (Druce, 1898)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	3 (0,40%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	6 (0,15%)
<i>Pero</i> sp.1	1 (0,07%)	2 (0,17%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Pero</i> sp.2	0 (0,00%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Pero</i> sp.3	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Pero</i> sp.4	4 (0,29%)	6 (0,49%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	12 (0,29%)
<i>Pero</i> sp.5	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Phrudocentra</i> sp.	1 (0,07%)	4 (0,32%)	5 (0,67%)	0 (0,00%)	3 (0,86%)	13 (0,32%)
<i>Semiothisa</i> sp.1	2 (0,15%)	1 (0,08%)	6 (0,80%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	9 (0,22%)
<i>Semiothisa</i> sp.2	11 (0,81%)	21 (1,54%)	5 (0,67%)	4 (0,86%)	0 (0,00%)	41 (0,99%)
<i>Semiothisa</i> sp.3	32 (2,34%)	56 (4,55%)	29 (3,87%)	25 (5,39%)	19 (5,45%)	161 (3,87%)
<i>Sphacelodes vulneraria</i> (Hueb., 1825)	1 (0,07%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Synchlora gerularia</i> (Hueb., 1823)	11 (0,81%)	6 (0,49%)	8 (1,07%)	12 (2,59%)	13 (3,73%)	50 (1,20%)
<i>Synchlora</i> sp.1	0 (0,00%)	1 (0,08%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	4 (0,10%)
<i>Synchlora</i> sp.2	1 (0,07%)	13 (1,06%)	15 (2,00%)	7 (1,51%)	5 (1,43%)	41 (0,99%)
<i>Synchlora</i> sp.3	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Synchlora</i> sp.4	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Thyrinteina schadeana</i> (Schs., 1927)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	4 (0,86%)	1 (0,29%)	6 (0,15%)
Hedylidae						
<i>Macrosoma</i> sp.	15 (1,10%)	0 (0,00%)	8 (1,07%)	4 (0,86%)	3 (0,86%)	30 (0,72%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consortiado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Hepialidae						
<i>Dalaca</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	2 (0,57%)	3 (0,07%)
<i>Dalaca</i> sp.2	3 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
Hesperiidae						
<i>Achylodes</i> sp.	1 (0,07%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Astrartes anaphus</i> (Cr., 1777)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Astrartes fulgerator</i> (Walch., 1775)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Calpododes ethlius</i> (Stoll, 1782)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	4 (0,54%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Corticea</i> sp.1	1 (0,07%)	4 (0,32%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Corticea</i> sp.2	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Dyscophellus porcius</i> (Felder, 1862)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Epargyreus</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Polythrix</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Hesperiidae						
<i>Proteides mercurius</i> (Fabr., 1787)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
<i>Pyrrhopyge charybdis</i> (Westw., 1852)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Quinta</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Thespieus</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,40%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Urbanus proteus</i> (L., 1758)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Urbanus simplicius</i> (Stoll, 1791)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Vinius</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
Lasiocampidae						
<i>Euglyphis consolabilis</i> (Dyar, 1910)	1 (0,07%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Euglyphis</i> sp.1	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Euglyphis</i> sp.2	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Euglyphis</i> sp.3	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
Libytheidae						
<i>Libytheana carinenta</i> (Cr., 1777)	0 (0,00%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consortiado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Limacodidae						
<i>Acharia nesea</i> (Stoll, 1780)	0 (0,00%)	2 (0,17%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Euphobetron moorei</i> (Kirby, 1892)	2 (0,15%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	2 (0,57%)	5 (0,12%)
<i>Phobetron hipparchia</i> (Cr., 1777)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Lycaenidae						
<i>Cyanophrys acaste</i> (Prittw., 1865)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Pseudolycaena marsyas</i> (L., 1758)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Strephonota</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Megalophygidae						
<i>Megalopyge lanata</i> (Stoll, 1780)	1 (0,07%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Megalopyge</i> sp.	116 (8,48%)	4 (0,32%)	4 (0,54%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	124 (2,98%)
<i>Norape plumosa</i> (Butler, 1877)	25 (1,83%)	8 (0,65%)	12 (1,60%)	4 (0,86%)	4 (1,14%)	53 (1,28%)
<i>Podalia</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Trosia</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Trosia</i> sp.2	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Mimallonidae						
<i>Trogoptera</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Noctuidae						
<i>Argidia</i> sp.2	0 (0,00%)	1 (0,08%)	4 (0,54%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	6 (0,15%)
<i>Argidia</i> sp.3	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Argidia tomyris</i> (Cr., 1779)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Argyrogramma</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
<i>Argyrogramma verruca</i> (Fabr., 1794)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Ascalapha odorata</i> (L., 1758)	2 (0,15%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Bagisara repanda</i> (Fabr., 1793)	1 (0,07%)	2 (0,17%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Baniana</i> sp.	2 (0,15%)	12 (0,98%)	4 (0,54%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	18 (0,44%)
<i>Bleptina confusalis</i> (Guen., 1852)	0 (0,00%)	2 (0,17%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Bleptina</i> sp.1	3 (0,22%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Calyptis semicuprea</i> (Walk., 1858)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consoiciado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Noctuidae						
<i>Ceroctena amynta</i> (Stoll, 1782)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Coenipeta</i> sp.	5 (0,37%)	1 (0,08%)	3 (0,40%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	11 (0,27%)
<i>Condica</i> sp.	4 (0,29%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Cucullia</i> sp.	2 (0,15%)	0 (0,00%)	3 (0,40%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Cucullia</i> sp.	2 (0,15%)	0 (0,00%)	3 (0,40%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Cydosia rimata</i> (Draudt, 1927)	3 (0,22%)	7 (0,57%)	2 (0,27%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	13 (0,32%)
<i>Darceta</i> sp.	2 (0,15%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,15%)
<i>Diphthera festiva</i> (Fabr., 1775)	3 (0,22%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Dyops</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Elaphria deltoides</i> (Mosch., 1880)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	4 (0,54%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	7 (0,17%)
<i>Elaphria grata</i> (Hueb., 1818)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Elaphria</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Elaphria</i> sp.2	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	2 (0,15%)
<i>Epitaua coppryi</i> (Guen., 1852)	6 (0,44%)	9 (0,73%)	7 (0,94%)	2 (0,43%)	7 (2,01%)	31 (0,75%)
<i>Eriopyga</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Eublemma</i> sp.	20 (1,46%)	2 (0,17%)	12 (1,60%)	5 (1,07%)	6 (1,72%)	45 (1,08%)
<i>Eulepidotis detracta</i> (Walk., 1858)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Eulepidotis</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Eulepidotis</i> sp.2	4 (0,29%)	1 (0,08%)	2 (0,27%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	8 (0,20%)
<i>Eulepidotis</i> sp.3	2 (0,15%)	10 (0,81%)	2 (0,27%)	12 (2,59%)	7 (2,01%)	33 (0,79%)
<i>Gonodonta sicheas</i> (Cr., 1777)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Gonodonta sinaldus</i> (Guen., 1852)	0 (0,00%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Gonodonta</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Heliothis virescens</i> (Fabr., 1781)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Hemeroblemma</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consortiado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Noctuidae						
<i>Hypena</i> sp.	0 (0,00%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	4 (0,10%)
<i>Lesmone formularis</i> (Geyer, 1837)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Letis</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Letis</i> sp.2	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Letis</i> sp.3	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Leucania</i> sp.1	0 (0,00%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Leucania</i> sp.2	39 (2,85%)	10 (0,81%)	6 (0,80%)	6 (1,29%)	8 (2,29%)	69 (1,66%)
<i>Leucania</i> sp.3	8 (0,59%)	7 (0,57%)	2 (0,27%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	19 (0,46%)
<i>Leucania striguscula</i> (Dyar, 1913)	12 (0,88%)	15 (1,22%)	4 (0,54%)	5 (1,07%)	1 (0,29%)	37 (0,89%)
<i>Massala hieroglyphica</i> (Walk., 1867)	4 (0,29%)	1 (0,08%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	7 (0,17%)
<i>Melipotis perpendicularis</i> (Guen., 1852)	1 (0,07%)	3 (0,25%)	2 (0,27%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	7 (0,17%)
<i>Melipotis</i> sp.	2 (0,15%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,43%)	1 (0,29%)	5 (0,12%)
<i>Mocis disserverans</i> (Walk., 1858)	80 (5,85%)	39 (3,16%)	3 (0,40%)	7 (1,51%)	5 (1,43%)	134 (3,22%)
<i>Mocis latipes</i> (Guen., 1852)	15 (1,10%)	5 (0,40%)	8 (1,07%)	5 (1,07%)	2 (0,57%)	35 (0,84%)
<i>Mocis</i> sp.1	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Mocis</i> sp.2	1 (0,07%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Ophisma tropicalis</i> (Guen., 1852)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Pararcte</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Perasia</i> sp.1	4 (0,29%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Perasia</i> sp.2	60 (4,38%)	8 (0,65%)	5 (0,67%)	5 (1,07%)	1 (0,29%)	79 (1,90%)
<i>Pseudoleucania</i> sp.	2 (0,15%)	5 (0,40%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	8 (0,20%)
<i>Ptichodis</i> sp.	3 (0,22%)	7 (0,57%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	12 (0,29%)
<i>Scopifera</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Selenisa sueroides</i> (Guen., 1852)	1 (0,07%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Sosxetra</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Spodoptera eridania</i> (Cr., 1782)	0 (0,00%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Spodoptera frugiperda</i> (J.E.Smith, 1797)	5 (0,37%)	5 (0,40%)	0 (0,00%)	3 (0,64%)	0 (0,00%)	13 (0,32%)
<i>Thioptera</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consoiciado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Noctuidae						
<i>Xanthopastis timais</i> (Cr., 1780)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Zale</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	2 (0,57%)	5 (0,12%)
Notodontidae						
<i>Antaea juturna</i> (Cr., 1777)	5 (0,37%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Chliara cresus</i> (Cr., 1777)	5 (0,37%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	6 (0,15%)
<i>Crinodes</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Hemiceras</i> sp.1	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
<i>Hemiceras</i> sp.2	35 (2,56%)	20 (1,63%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	4 (1,14%)	61 (1,46%)
<i>Hemiceras torva</i> (Schs., 1911)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Lepasta grammodes</i> (Felder, 1874)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Lepasta</i> sp.	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,43%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Lirimiris</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Lirimiris</i> sp.2	11 (0,81%)	10 (0,81%)	1 (0,13%)	3 (0,64%)	1 (0,29%)	26 (0,62%)
<i>Lirimiris</i> sp.3	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Lirimiris</i> sp.4	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Lirimiris truncata</i> (Her-Sch., 1856)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	2 (0,43%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Marthula</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Rosema demorsa</i> (Felder, 1874)	4 (0,29%)	7 (0,57%)	6 (0,80%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	19 (0,46%)
<i>Rosema dorsalis</i> (Walker, 1855)	0 (0,00%)	6 (0,49%)	7 (0,94%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	15 (0,36%)
<i>Rosema sciritis</i> (Druce, 1890)	5 (0,37%)	2 (0,17%)	5 (0,67%)	3 (0,64%)	0 (0,00%)	15 (0,36%)
<i>Trichomaplata vittata</i> (Wing, 1849)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Nymphalidae						
<i>Adelpha mesentina</i> (Cr., 1777)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Brassolis sophorae</i> (L., 1758)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Caligo brasiliensis</i> (Felder, 1862)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Dasyophthalma</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Eunica tatila</i> (Her.-Sch., 1855)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Euptychia</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consoiciado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Nymphalidae						
<i>Morpho helenor violaceus</i> (Fruhst., 1912)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Myscelia orsis</i> (Drury, 1782)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Taygetis</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
Oecophoridae						
<i>Loxotoma elegans</i> (Zeller, 1854)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Stenoma armata</i> (Zeller, 1877)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Stenoma catenifer</i> (Wals., 1912)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Pieridae						
<i>Aphrissa statira</i> (Cr., 1777)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Psychidae						
<i>Oiketicus kirbyi</i> (Guild., 1827)	5 (0,37%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	6 (0,15%)
Pyralidae						
<i>Caphys</i> sp.	0 (0,00%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Chrysauge</i> sp.1	0 (0,00%)	2 (0,17%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Chrysauge</i> sp.2	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Epidelia viridalis</i> (Ragonot, 1891)	1 (0,07%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Etiella zinckenella</i> (Treitsc., 1832)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
<i>Milgithea argentilinea</i> (Druce, 1902)	21 (1,54%)	18 (1,46%)	30 (4,00%)	21 (4,53%)	8 (2,29%)	98 (2,36%)
<i>Milgithea</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Pococera</i> sp.	1 (0,07%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Semnia subauritalis</i> (Ragonot, 1891)	3 (0,22%)	6 (0,49%)	1 (0,13%)	2 (0,43%)	1 (0,29%)	13 (0,32%)
<i>Zinckenia fascialis</i> (Cramer, 1782)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
Riodinidae						
<i>Ancyluris aulestes</i> (Cr., 1777)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Synargis calyce</i> (Felder, 1862)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Saturniidae						
<i>Adelowalkeria</i> sp.1	0 (0,00%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	3 (0,86%)	5 (0,12%)
<i>Adelowalkeria</i> sp.2	3 (0,22%)	1 (0,08%)	6 (0,80%)	0 (0,00%)	3 (0,86%)	13 (0,32%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consortiado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Saturniidae						
<i>Automeris</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	7 (0,94%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	8 (0,20%)
<i>Caio</i> sp.	2 (0,15%)	3 (0,25%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	2 (0,57%)	8 (0,20%)
<i>Cerodirphia mota napoensis</i> (Lemaire., 1982)	11 (0,81%)	9 (0,73%)	5 (0,67%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	25 (0,60%)
<i>Citioica anthonilis</i> (Her.-Sch., 1854)	3 (0,22%)	6 (0,49%)	4 (0,54%)	2 (0,43%)	2 (0,57%)	17 (0,41%)
<i>Citioica</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Dirphia fraterna</i> (Bouvier, 1929)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	3 (0,40%)	2 (0,43%)	1 (0,29%)	7 (0,17%)
<i>Dirphia</i> sp.1	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	2 (0,05%)
<i>Dirphia</i> sp.2	5 (0,37%)	2 (0,17%)	4 (0,54%)	1 (0,22%)	2 (0,57%)	14 (0,34%)
<i>Eacles imperialis magnifica</i> (Walk., 1856)	6 (0,44%)	2 (0,17%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	10 (0,24%)
<i>Hylesia</i> sp.1	2 (0,15%)	0 (0,00%)	5 (0,67%)	2 (0,43%)	0 (0,00%)	9 (0,22%)
<i>Hylesia</i> sp.2	83 (6,08%)	126 (10,23%)	61 (8,13%)	43 (9,28%)	26 (7,47%)	339 (8,15%)
<i>Hylesia</i> sp.3	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	3 (0,07%)
<i>Hylesia</i> sp.4	1 (0,07%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Hylesia</i> sp.5	0 (0,00%)	1 (0,08%)	4 (0,54%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	5 (0,12%)
<i>Opsiphanes</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Periga</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Pseudoautomeris luteata</i> (Walk., 1855)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
Saturniidae						
<i>Rhescynthis hippodamia hippodamia</i> (Cr., 1777)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	4 (0,54%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	6 (0,15%)
<i>Rothschildia erycina erycina</i> (Shaw, 1796)	1 (0,07%)	0 (0,00%)	3 (0,40%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	5 (0,12%)
<i>Syssphinx brevis</i> (Walk., 1855)	5 (0,37%)	2 (0,17%)	2 (0,27%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	11 (0,27%)
<i>Syssphinx Molina</i> (Cr., 1781)	0 (0,00%)	2 (0,17%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
Sphingidae						
<i>Adhemarius gannascus</i> (Stoll, 1790)	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Enyo ocypete</i> (L., 1758)	3 (0,22%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	1 (0,29%)	7 (0,17%)
<i>Enyo</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,43%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Erinnyis alope</i> (Drury, 1773)	7 (0,51%)	0 (0,00%)	5 (0,67%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	12 (0,29%)

continua...

Tabela 2, Cont.

Família/Gênero/Espécies	Plantio de <i>Tectona grandis</i> N (%)	Plantio Consortiado N (%)	Floresta Nativa N (%)	Floresta Ripária N (%)	Capoeira N (%)	Total N (%)
Sphingidae						
<i>Erinnyis oenotrus</i> (Cr., 1780)	0 (0,00%)	2 (0,17%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	2 (0,57%)	6 (0,15%)
<i>Eumorpha anchemolus</i> (Cr., 1779)	4 (0,29%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	7 (0,17%)
<i>Eumorpha</i> sp.	0 (0,00%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Madoryx</i> sp.	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Manduca florestan</i> (Stoll, 1782)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	1 (0,02%)
<i>Oryba achemenides</i> (Cr., 1775)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Protambulyx strigilis</i> (L., 1771)	8 (0,59%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	3 (0,86%)	13 (0,32%)
<i>Protoparce sexta</i> (Cramer, 1779)	3 (0,22%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,29%)	4 (0,10%)
<i>Pseudosphinx tetrio</i> (L., 1771)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,40%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	3 (0,07%)
<i>Xylophanes chiron nechus</i> (Cr., 1777)	4 (0,29%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	6 (0,15%)
<i>Xylophanes porcus continentalis</i> (Roths., 1903)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,13%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
Thyrididae						
<i>Macrogonia</i> sp.	2 (0,15%)	6 (0,49%)	2 (0,27%)	3 (0,64%)	1 (0,29%)	14 (0,34%)
Tineidae						
<i>Tiquadra aeneonivella</i> (Walk., 1864)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Tiquadra inscitella</i> (Walk., 1863)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	1 (0,02%)
<i>Tiquadra</i> sp.1	1 (0,07%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	0 (0,00%)	4 (0,10%)
<i>Tiquadra</i> sp.2	17 (1,24%)	1 (0,08%)	1 (0,13%)	1 (0,22%)	2 (0,57%)	22 (0,53%)
Uraniidae						
<i>Urania leilus</i> (L., 1758)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,27%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
Yponomeuridae						
<i>Atteva pustulella</i> (Cr., 1782)	1 (0,07%)	1 (0,08%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	0 (0,00%)	2 (0,05%)
<i>Urodus</i> sp.	1 (0,07%)	2 (0,17%)	4 (0,54%)	3 (0,64%)	0 (0,00%)	10 (0,24%)
Total	1.367 (100%)	1.232(100%)	750 (100%)	463 (100%)	348(100%)	4.160 (100%)

Dentre as famílias estudadas no Plantio de *Tectona grandis* destaca-se Crambidae com maior número de indivíduos, 332 (24,28%), seguida por Noctuidae com 305 indivíduos (22,31%) e Arctiidae com 210 indivíduos (15,36%) (Tabela 3).

Ocorrências de Noctuidae e Arctiidae com representatividade foram relatadas em Plantio de *Tectona grandis* no Município de Rosário Oeste-MT por Peres Filho et al., (2009). *Hyblaea puera* (Hyblaeidae) foi a espécie mais expressiva, resultado que difere podendo estar associado ao tipo de vegetação original da região citada sendo cerrado, mata galeria e floresta estacional semi-decidual.

Oliveira (2007), em estudo com plantio homogêneo exótico (*Acacia mearnsii* De Wild.) no Rio Grande do Sul, registrou entre os lepidópteros coletados, a expressiva presença de exemplares da família Noctuidae.

Ao comparar Arctiidae deste ambiente com os demais estudados, obtem-se valores percentuais similares entre área antropizada e nativa, fato esse, pode estar associado ao alto grau de polifagia das larvas de muitas espécies dessa família.

Noctuidae em Plantio Consorciado destacou-se com 33 espécies (20,63%), enquanto Arctiidae segue com 31 espécies (18,57%) e Crambidae com 15 espécies (9,38%) (Tabela 3).

O padrão de espécies observado no Plantio Consorciado foi similar ao observado no Plantio de *Tectona grandis* (Tabela 3).

Noctuidae possui expressiva importância econômica, como brocas de ramos, comedoras de raízes, troncos em decomposição, folhas, flores, frutas, sementes e detritos (SPECHT e CORSEUIL, 1996). Os noctuídeos constituem a maior proporção de lepidópteros amostrados com armadilhas luminosas e os dados obtidos têm sido usados para amostragem de populações de espécies-praga, estudos de dinâmica, ecologia de populações, migrações, aspectos comportamentais de voo e relacionamento com as plantas hospedeiras (SPECHT e CORSEUIL, 2002).

Na Floresta Nativa a família Arctiidae destacou-se com 24 espécies (12,97%), na sequência seguem Saturniidae, com 19 (10,27%) e Crambidae com 13 espécies (7,02%) (Tabela 3).

Diferenciando dos Plantios de *Tectona grandis* e Consorciado (Tabela 3), na Floresta Nativa a família Crambidae não foi a mais expressiva quantitativamente.

Arctiidae em Floresta Nativa é a família com maior representatividade em indivíduos e espécies com 175 indivíduos (23,33%) e 24 espécies (12,97%) e após segue Saturniidae com 117 indivíduos (15,60%) e 24 espécies (12,97%) (Tabela 3).

Em Mata Ripária, Noctuidae destacou-se com 20 espécies (24,10%) e 31 (27,44%) indivíduos, seguidas de Crambidae com 10 espécies (8,85%) e Geometridae com 11 espécies (9,74%) (Tabela 3).

Entre vários relatos de ataques de lepidópteros desfolhadores Martins et al. (1984) descreveram a ocorrência de um complexo de lagartas da família Geometridae, causando danos econômicos. Esses agentes podem ter influência direta no volume de madeira produzido por uma árvore, cuja redução verifica-se a partir de um percentual a 50% de perda das folhas.

Noctuidae em Capoeira destacou-se com 21 espécies (19,63%), seguida de Crambidae e Geometridae, com 12 espécies (11,21%) cada (Tabela 3).

TABELA 3 – QUANTIDADE (N) DAS ESPÉCIES E INDIVÍDUOS NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Família	Plantio de <i>Tectona grandis</i>		Plantio Consorciado		Floresta Nativa		Mata Ripária		Capoeira	
	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)
Acrolophidae	1 (0,72)	5 (0,37)	2 (1,25)	2 (0,16)	0 (0,00)	(0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)
Apatelodidae	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,62)	1 (0,08)	2 (1,16)	2 (0,27)	1 (0,88)	1 (0,22)	0 (0,00)	0 (0,00)
Arctiidae	26 (18,57)	210 (15,36)	31 (19,38)	211 (17,13)	24 (13,96)	175 (23,33)	18 (15,93)	53 (11,44)	19 (17,75)	48 (13,79)
Cossidae	1 (0,72)	4 (0,29)	1 (0,62)	3 (0,24)	0 (0,00)	(0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,94)	1 (0,29)
Crambidae	11 (7,85)	332 (24,28)	15 (9,38)	431 (34,98)	13 (7,56)	123 (16,40)	10 (8,85)	150 (32,40)	12 (11,21)	99 (28,44)
Dalceridae	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,62)	1 (0,08)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)
Geometridae	12 (8,57)	69 (5,05)	13 (8,13)	114 (9,25)	18 (10,47)	93 (12,40)	11 (9,74)	60 (12,96)	12 (11,21)	51 (14,66)
Hedylidae	1 (0,72)	15 (1,10)	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,58)	8 (1,07)	1 (0,88)	4 (0,86)	1 (0,94)	3 (0,86)
Hepialidae	1 (0,72)	3 (0,22)	0 (0,00)	0 (0,00)	2 (1,16)	2 (0,27)	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,94)	2 (0,57)
Hesperiidae	4 (2,85)	4 (0,29)	5 (3,13)	8 (0,65)	8 (4,65)	13 (1,73)	5 (4,43)	5 (1,08)	1 (0,94)	1 (0,29)
Lasiocampidae	1 (0,72)	1 (0,07)	2 (1,25)	2 (0,16)	3 (1,74)	3 (0,40)	1 (0,88)	1 (0,22)	0 (0,00)	0 (0,00)
Libytheidae	0 (0,00)	0(0,00)	1 (0,62)	2 (0,16)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)
Limacodidae	1 (0,72)	2 (0,15)	2 (1,25)	3 (0,24)	1 (0,58)	2 (0,27)	1 (0,88)	1 (0,22)	1 (0,94)	2 (0,57)
Lycaenidae	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,62)	1 (0,08)	2 (1,16)	2 (0,27)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)
Megalopygidae	3 (2,14)	142 (10,39)	5 (3,13)	15 (1,22)	3 (1,74)	17 (2,26)	2 (1,77)	5 (1,08)	2 (1,86)	5 (1,43)
Mimallonidae	1 (0,72)	1 (0,07)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)
Noctuidae	38 (27,14)	305 (22,31)	33 (20,63)	173 (14,04)	41 (23,84)	101 (13,46)	31 (27,44)	74 (15,98)	21 (19,63)	54 (15,52)
Notodontidae	8 (5,71)	67 (4,90)	11 (6,88)	51 (4,14)	8 (4,65)	24 (3,20)	6 (5,31)	12 (2,59)	7 (6,54)	10 (2,88)
Nymphalidae	0 (0,00)	0 (0,00)	2 (1,25)	2 (0,16)	8 (4,65)	8 (1,07)	2 (1,77)	2 (0,43)	1 (0,94)	1 (0,29)
Oecophoridae	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,58)	1 (0,13)	0 (0,00)	0 (0,00)	2 (1,86)	2 (0,57)
Pieridae	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,88)	1 (0,22)	0 (0,00)	0 (0,00)
Psychidae	1 (0,72)	5 (0,37)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,94)	1 (0,29)
Pyrilidae	6 (4,28)	28 (2,04)	7 (4,38)	33 (2,68)	5 (2,91)	34 (4,53)	3 (2,66)	24 (5,18)	5 (4,67)	12 (3,45)
Riodinidae	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,62)	1 (0,08)	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,88)	1 (0,22)	0 (0,00)	0 (0,00)
Saturniidae	12 (8,57)	123 (9,00)	16 (10,00)	160 (12,99)	19 (11,05)	117 (15,60)	9 (7,97)	54 (11,66)	11 (10,28)	43 (12,36)
Sphingidae	7 (5,00)	29 (2,12)	6 (3,75)	7 (0,57)	8 (4,65)	15 (2,00)	4 (3,54)	5 (1,08)	7 (6,54)	10 (2,88)
Thyrididae	1 (0,72)	2 (0,15)	1 (0,62)	6 (0,49)	1 (0,58)	2 (0,27)	1 (0,88)	3 (0,65)	1 (0,94)	1 (0,29)
Tineidae	2 (1,42)	18 (1,32)	2 (1,25)	2 (0,16)	2 (1,16)	2 (0,27)	4 (3,54)	4 (0,86)	1 (0,94)	2 (0,57)

continua...

Tabela 3, Cont.

Família	Plantio de <i>Tectona grandis</i>		Plantio Consorciado		Floresta Nativa		Mata Ripária		Capoeira	
	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)	Espécies N° (%)	Indivíduos N° (%)
Uraniidae	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	1 (0,58)	2 (0,27)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)	0 (0,00)
Yponomeutidae	2 (1,42)	2 (0,15)	1 (0,62)	3 (0,24)	1 (0,58)	4 (0,53)	1 (0,88)	3 (0,65)	0 (0,00)	0 (0,00)
TOTAL	140 (100,00)	1.367 (100,00)	160 (100,00)	1.232 (100,00)	185 (100,00)	750 (100,00)	113 (100,00)	463 (100,00)	107 (100,00)	348 (100,00)

Coletou-se um total de 2.390 indivíduos, pertencentes a 34 espécies e nove famílias, os quais são comuns aos cinco ambientes estudados (Tabela 4).

As famílias mais representativas encontradas foram: Crambidae, com 1066 indivíduos (44,60%) com destaque a *M. vitrata* com 667 indivíduos (27,91%); Noctuidae, com 493 (20,62%) e Arctiidae, com 446 indivíduos (18,67%) (Tabela 4).

As diferentes espécies da família Noctuidae relacionam-se com diversos ambientes e recursos, especialmente no período larval, agindo como larvas fitófagas e apresentam expressiva importância econômica (SPECHT e CORSEUIL, 1996).

Arctiidae é a quarta maior família de lepidópteros em número de espécies descritas, seguida de Noctuidae, Geometridae e Pyralidae (HEPPNER, 1991).

TABELA 4 - ESPÉCIES COMUNS AOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Gênero/espécie	Quantidade	%
Arctiidae		
<i>Cosmosoma</i> sp.	66	2,76
<i>Eucereon</i> sp.	59	2,47
<i>Hyponerita tipolis</i>	21	0,88
<i>Melese</i> sp.3	14	0,59
<i>Paracles</i> sp.2	286	11,97
Saturniidae		
<i>Citioica anthonilis</i>	17	0,71
<i>Dirphia</i> sp.2	14	0,59
<i>Syssphinx brevis</i>	11	0,46
Sphingidae		
<i>Enyo ocypete</i>	7	0,29
Megalopygidae		
<i>Norape plumosa</i>	53	2,22
Notodontidae		
<i>Lirimiris</i> sp.2	26	1,09
<i>Rosema demorsa</i>	19	0,79
Crambidae		
<i>Loxostege</i> sp.2	283	11,84
<i>Maruca vitrata</i>	667	27,91

continua...

Tabela 4, Cont.

Gênero/espécie	Quantidade	%
Crambidae		
<i>Noorda esmeralda</i>	32	1,34
<i>Samea ecclesialis</i>	64	2,68
<i>Siga liris</i>	7	0,29
<i>Syngamia florella</i>	13	0,54
Pyralidae		
<i>Milgithea argentilinea</i>	98	4,10
<i>Semnia subauritalis</i>	13	0,54
Tineidae		
<i>Tiquadra</i> sp.2	22	0,92
Thyrididae		
<i>Macrogonia</i> sp.	14	0,59
Geometridae		
<i>Synchlora gerularia</i>	50	2,09
<i>Synchlora</i> sp.2	41	1,72
Noctuidae		
<i>Coenipeta</i> sp.	11	0,46
<i>Epitaua coppryi</i>	31	1,30
<i>Eublemma</i> sp.	45	1,88
<i>Eulepidotis</i> sp.3	33	1,38
<i>Leucania</i> sp.2	69	2,89
<i>Leucania</i> sp.3	19	0,79
<i>Leucania striguscala</i>	37	1,55
<i>Mocis disserverans</i>	134	5,61
<i>Mocis latipes</i>	35	1,46
<i>Perasia</i> sp.2	79	3,30
TOTAL	2.390	100,00

4.2 ANÁLISE FAUNÍSTICA

Em estudos ecológicos, as análises de fauna têm por finalidade a caracterização e a estrutura de comunidades, assim como a avaliação de impactos a partir da comparação de dados de decomposição e abundância de fauna, obtidos em períodos diversos (SILVEIRA NETO et al., 1995, CAMARGO 1999, MARINONI et al., 1997, 1999).

De acordo com o método de classificação de Laroca e Mielke (1975) foram encontrados 17 espécies tidas como dominantes, muito abundantes, muito frequentes e constantes, 82 espécies acessórias, 187 acidentais, 216 espécies foram consideradas raras o que pode estar relacionado com alguns fatores como a quantidade de alimentação ou a

baixa densidade populacional de algumas espécies, à presença de inimigos naturais ou ainda ao ciclo de vida (Tabela 5).

Dentre as espécies constantes destacaram-se *Maruca vitrata*, *Hylesia* sp.2 e *Loxostege* sp.2 (Tabela 5).

TABELA 5 – ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU, MUNICÍPIO DE COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Família/Gênero/Espécie	número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Acrolophidae						
<i>Acrolophus</i> sp.1	6	D	ND	R	PF	Z
<i>Acrolophus</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
Apatelodidae						
<i>Apatelodes pandara</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Olceclostera nina</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Arctiidae						
<i>Aclytia heber</i>	11	D	ND	C	F	Y
<i>Ammalo</i> sp.	5	ND	ND	R	PF	Y
<i>Belemnina inaurata</i>	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Cosmosoma</i> sp.	66	D	D	MA	MF	W
<i>Dycladia lucetius</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema sacrifica</i>	12	D	ND	C	F	Y
<i>Dysschema</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema</i> sp.2	7	D	ND	D	PF	Y
<i>Dysschema</i> sp.3	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Dysschema</i> sp.4	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema</i> sp.5	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema subapicalis</i>	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epidesima</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eucereon rosa</i>	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Eucereon</i> sp.	59	D	D	MA	MF	W
<i>Evius albicoxae</i>	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyalurga</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyalurga</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyalurga</i> sp.3	13	D	ND	C	F	W
<i>Hyalurga syma</i>	7	D	ND	D	PF	Y
<i>Hypercompe</i> sp.	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Hypocrita</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyponerita tipolis</i>	21	D	D	A	MF	Y
<i>Idalus herois</i>	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Lepidokirbyia</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucanopsis</i> sp.1	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucanopsis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Melese</i> sp.1	27	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela 5, Cont.

Família/Gênero/Espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Arctiidae						
<i>Melese</i> sp.2	1	D	D	MA	MF	Y
<i>Melese</i> sp.3	14	D	ND	C	F	Y
<i>Neonerita</i> sp.	24	D	D	MA	MF	Z
<i>Nodozana fifi</i>	8	D	ND	D	PF	Y
<i>Nodozana thricophora</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Opharus</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Paracles paula</i>	16	D	D	C	F	Y
<i>Paracles</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Psoloptera</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pygarctia</i> sp.	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Saurita sericea</i>	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Sciopsyche</i> sp.	8	D	ND	D	PF	Z
<i>Trichura cerberus</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Utetheisa ornatrix</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Viviennea</i> sp.	4	ND	ND	R	PF	Z
Cossidae						
<i>Morpheis pyracmon</i>	8	D	ND	D	PF	Y
Crambidae						
<i>Agathodes designalis</i>	7	D	ND	D	PF	Z
<i>Agathodes</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Diaphania hyalinata</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Dichogama redtenbacheri</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyalea</i> sp.	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Loxostege</i> sp.1	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Loxostege</i> sp.2	283	D	D	MA	MF	W
<i>Maruca vitrata</i>	667	D	D	MA	MF	W
<i>Mesocondyla dardusalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Nomophila noctuella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Noorda esmeralda</i>	32	D	D	MA	MF	Y
<i>Omiodes indicatus</i>	22	D	D	MA	MF	Y
<i>Palpita quadristigmalis</i>	5	ND	ND	R	PF	Y
<i>Phostria tedeia</i>	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Polygrammodes ostrealis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Polygrammodes</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Samea ecclesialis</i>	64	D	D	MA	MF	W
<i>Samea</i> sp.	11	D	ND	C	F	Y
<i>Siga liris</i>	7	D	ND	D	PF	Z
<i>Syngamia florella</i>	13	D	ND	C	F	Y
Dalceridae						
<i>Acraga</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Geometridae						
<i>Epimecis puellaria</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Epimecis</i> sp.1	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epimecis</i> sp.2	3	ND	ND	R	PF	Y

continua...

Tabela 5, Cont.

Família/Gênero/Espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Geometridae						
<i>Leuciris minutepunctaria</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Oospila</i> sp.	13	D	ND	C	F	Y
<i>Oxydia agliata</i>	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Oxydia</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Oxydia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Oxydia vesulia</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pero amanda</i>	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Pero</i> sp.1	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Pero</i> sp.2	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pero</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pero</i> sp.4	12	D	ND	C	F	Y
<i>Pero</i> sp.5	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Phrudocentra</i> sp.	13	D	ND	C	F	Y
<i>Semiothisa</i> sp.1	9	D	ND	C	F	Z
<i>Semiothisa</i> sp.2	41	D	D	MA	MF	Y
<i>Semiothisa</i> sp.3	161	D	D	MA	MF	W
<i>Sphacelodes vulneraria</i>	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Synchlora gerularia</i>	50	D	D	MA	MF	W
<i>Synchlora</i> sp.1	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Synchlora</i> sp.2	41	D	D	MA	MF	W
<i>Synchlora</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Synchlora</i> sp.4	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Thyrinteina schadeana</i>	6	D	ND	R	PF	Y
Hedylidae						
<i>Macrosoma</i> sp.	30	D	D	MA	MF	W
Hepialidae						
<i>Dalaca</i> sp.1	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dalaca</i> sp.2	4	ND	ND	R	PF	Z
Hesperiidae						
<i>Achylodes</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Astrartes anaphus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Astrartes fulgurator</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Calpodes ethlius</i>	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Corticea</i> sp.1	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Corticea</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dyscophellus porcius</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epargyreus</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Polythrix</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Proteides mercurius</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pyrrhopyge charybdis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Quinta</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Thespieus</i> sp.	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Urbanus proteus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Vinius</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela 5, Cont.

Família/Gênero/Espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Lasiocampidae						
<i>Euglyphis consolabilis</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Euglyphis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Euglyphis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Euglyphis</i> sp.3	2	ND	ND	R	PF	Z
Libytheidae						
<i>Libytheana carinenta</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
Limacodidae						
<i>Acharia nesea</i>	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Euphobetron moorei</i>	5	ND	ND	R	PF	Y
<i>Phobetron hipparchia</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Lycaenidae						
<i>Cyanophrys acaste</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pseudolycaena marsyas</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Strephonota</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Megalophygidae						
<i>Megalopyge lanata</i>	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Megalopyge</i> sp.	124	D	D	MA	MF	Y
<i>Norape plumosa</i>	53	D	D	MA	MF	W
<i>Podalia</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Trosia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Trosia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
Mimallonidae						
<i>Trogoptera</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Noctuidae						
<i>Agrotis repleta</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Anticarsia gemmatalis</i>	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Argidia</i> sp.1	8	D	ND	D	PF	Z
<i>Argidia</i> sp.2	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Argidia</i> sp.3	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argidia tomyris</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argyrogramma</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argyrogramma verruca</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ascalapha odorata</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Bagisara repanda</i>	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Baniana</i> sp.	18	D	D	C	F	Y
<i>Bleptina confusalis</i>	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Bleptina</i> sp.1	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Calyptis semicuprea</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ceroctena amynta</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Coenipeta</i> sp.	11	D	ND	C	F	Y
<i>Condica</i> sp.	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Cucullia</i> sp.	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Cydosia rimata</i>	13	D	ND	C	F	W
<i>Darceta</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela 5, Cont.

Família/Gênero/Espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Noctuidae						
<i>Diphthera festiva</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Dyops</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Elaphria deltoides</i>	7	D	ND	D	PF	Y
<i>Elaphria grata</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Elaphria</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Elaphria</i> sp.2	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epitausa coppryi</i>	31	D	D	MA	MF	W
<i>Eriopyga</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eublemma</i> sp.	45	D	D	MA	MF	W
<i>Eulepidotis detracta</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.2	8	D	ND	D	PF	Y
<i>Eulepidotis</i> sp.3	33	D	D	MA	MF	Y
<i>Gonodonta sicheas</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Gonodonta sinaldus</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Gonodonta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Heliothis virescens</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hemeroblemma</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hypena</i> sp.	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Lesmone formularis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Letis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Letis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Letis</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucania</i> sp.1	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Leucania</i> sp.2	69	D	D	MA	MF	W
<i>Leucania</i> sp.3	19	D	D	C	F	Y
<i>Leucania striguscula</i>	37	D	D	MA	MF	W
<i>Massala hieroglyphica</i>	7	D	ND	D	PF	Y
<i>Melipotis perpendicularis</i>	7	D	ND	D	PF	Y
<i>Melipotis</i> sp.	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Mocis disserverans</i>	134	D	D	MA	MF	Z
<i>Mocis latipes</i>	35	D	D	MA	MF	W
<i>Mocis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Mocis</i> sp.2	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Ophisma tropicalis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pararcte</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Perasia</i> sp.1	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Perasia</i> sp.2	79	D	D	MA	MF	W
<i>Pseudoleucania</i> sp.	8	D	ND	D	PF	Y
<i>Ptichodis</i> sp.	12	D	ND	C	F	Y
<i>Scopifera</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Selenisa sueroides</i>	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Sosxetra</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Spodoptera eridania</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Spodoptera frugiperda</i>	13	D	ND	C	F	W

continua...

Tabela 5, Cont.

Família/Gênero/Espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Noctuidae						
<i>Thioptera</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Xanthopastis timais</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Zale</i> sp.	5	ND	ND	R	PF	Y
Notodontidae						
<i>Antaea juturna</i>	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Chliara cresus</i>	6	D	ND	R	PF	Z
<i>Crinodes</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hemiceras</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hemiceras</i> sp.2	61	D	D	MA	MF	Z
<i>Hemiceras torva</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lepasta grammodes</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lepasta</i> sp.	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp.1	1	D	D	MA	MF	Y
<i>Lirimiris</i> sp.2	26	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp.4	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris truncata</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Marthula</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rosema demorsa</i>	19	D	D	C	F	W
<i>Rosema dorsalis</i>	15	D	D	C	F	Y
<i>Rosema sciritis</i>	15	D	D	C	F	W
<i>Trichomaplata vittata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Nymphalidae						
<i>Adelpha mesentina</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Adelpha</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Archeoprepona demophoon</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Brassolis sophorae</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Caligo brasiliensis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dasyophthalma</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eunica tatila</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Euptychia</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Morpho helenor violaceus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Myscelia orsis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Taygetis</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
Oecophoridae						
<i>Loxotoma elegans</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Stenoma armata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Stenoma catenifer</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Pieridae						
<i>Aphrissa statira</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Psychidae						
<i>Oiketicus kirbyi</i>	6	D	ND	R	PF	Y

continua...

Tabela 5, Cont.

Família/Gênero/Espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Pyralidae						
<i>Caphys</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Chrysauga</i> sp.1	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Chrysauga</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epidelia viridalis</i>	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Etiella zinckenella</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Milgithea argentilinea</i>	98	D	D	MA	MF	W
<i>Milgithea</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pococera</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Semnia</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Semnia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Semnia subauritalis</i>	13	D	ND	C	F	W
<i>Zinckenia fascialis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
Riodinidae						
<i>Ancyluris aulestes</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Synargis calyce</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Saturniidae						
<i>Adelowalkeria</i> sp.1	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Adelowalkeria</i> sp.2	13	D	ND	C	F	Y
<i>Automeris</i> sp.	8	D	ND	D	PF	Y
<i>Caio</i> sp.	8	D	ND	D	PF	Z
<i>Cerodirphia mota napoensis</i>	25	D	D	MA	MF	Y
<i>Citioica anthonilis</i>	17	D	D	C	F	Y
<i>Citioica</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dirphia fraterna</i>	7	D	ND	D	PF	Y
<i>Dirphia</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.2	14	D	ND	C	F	Y
<i>Eacles imperialis magnifica</i>	10	D	ND	C	F	Y
<i>Hylesia</i> sp.1	9	D	ND	C	F	Z
<i>Hylesia</i> sp.2	339	D	D	MA	MF	W
<i>Hylesia</i> sp.3	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.4	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.5	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Opsiphanes</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Periga</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pseudoautomeris luteata</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rhescynthis hippodamia hippodamia</i>	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Rothschildia erycina erycina</i>	5	ND	ND	R	PF	Y
<i>Syssphinx brevis</i>	11	D	ND	C	F	Y
<i>Syssphinx molina</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
Sphingidae						
<i>Adhemarius gannascus</i>	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Enyo ocypete</i>	7	D	ND	D	PF	W
<i>Enyo</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Erinnyis alope</i>	8	D	ND	D	PF	W

continua...

Tabela 5, Cont.

Família/Gênero/Espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Sphingidae						
<i>Erinnyis oenotrus</i>	6	D	ND	R	PF	Y
<i>Eumorpha anchemolus</i>	10	D	ND	C	F	Y
<i>Eumorpha</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Madoryx</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Manduca florestan</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Oryba achemenides</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Protambulyx strigilis</i>	9	D	ND	C	F	W
<i>Protoparce sexta</i>	5	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pseudosphinx tetrio</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Xylophanes chiron nechus</i>	6	D	ND	R	PF	Z
<i>Xylophanes porcus continentalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Thyrididae						
<i>Macrogonia</i> sp.	14	D	D	C	F	W
Tineidae						
<i>Tiquadra aeneonivella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Tiquadra inscitella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Tiquadra</i> sp.1	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Tiquadra</i> sp.2	22	D	D	MA	MF	W
Uraniidae						
<i>Urania leilus</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
Yponomeuridae						
<i>Atteva pustulella</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Urodus</i> sp.	10	D	ND	C	F	Y

Espécies/Indivíduos: 300/4.160

Total Índice de Diversidade (Shannon-Wiener) => H = 4,0565

Variância H => V(H)= 0,0007 // Intervalo de Confiança (P=0,005) H => [4,055645; 4,057311] Índice de Diversidade (Margalef) => ALFA= 35,8045 Índice de Uniformidade ou Equitabilidade => E = 0,7112 (1) Metodo de Laroca e Mielke (1975); (2) Metodo de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância - (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

4.2.1 Análise Faunística dos Ambientes Estudados

De acordo com o método de classificação de Laroca e Mielke (1975) foram encontrados no Plantio de *Tectona grandis* 105 espécies não dominantes e 35 dominantes. Em relação à abundância, ocorreram 93 espécies raras. Foram registrados muito 20 espécies foram muito abundantes, 12 dispersas, 27 acessórias e 15 comuns. Com base na

frequência foram encontradas 105 espécies pouco frequentes, 20 muito frequentes e 15 frequentes. Além disso, 109 espécies foram consideradas acidentais e quatro constantes (Tabela 6).

As espécies *Maruca vitrata*, *Tiquadra* sp.2, *Semiothisa* sp.3, destacaram-se como dominantes, muito abundantes, muito frequentes e contantes. Em seguida está a espécie *Leucania striguscala* como dominante, comum, frequente e constante (Tabela 6).

TABELA 6 – ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NO PLANTIO DE *Tectona grandis*, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Arctiidae							
<i>Aclytia heber</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Ammalo</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Cosmosoma</i> sp.	25	D	D	MA	MF	Z	
<i>Dysschema sacrificata</i>	5	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Dysschema</i> sp.2	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Dysschema</i> sp.5	3	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Eucereon rosa</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Eucereon</i> sp.	27	D	D	MA	MF	Y	
<i>Evius albicoxae</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Hyalurga syma</i>	3	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Hypercompe</i> sp	3	ND	ND	R	PF	Y	
<i>Hyponerita tipolis</i>	7	D	ND	C	F	Z	
<i>Idalus heróis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Leucanopsis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Melese</i> sp.1	21	D	D	MA	MF	Z	
<i>Melese</i> sp.3	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Neonerita</i> sp.	20	D	D	MA	MF	Z	
<i>Opharus</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Paracles paula</i>	11	D	D	C	F	Y	
<i>Paracles</i> sp.2	48	D	D	MA	MF	Y	
<i>Paracles</i> sp.3	7	D	ND	C	F	Y	
<i>Paranerita</i> sp.2	5	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Pygarctia</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Saurita sericea</i>	5	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Utetheisa ornatix</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Viviennea</i> sp.	4	ND	ND	R	PF	Z	
Saturniidae							
<i>Adelowalkeria</i> sp.2	3	ND	ND	R	PF	Z	

continua...

Tabela 6, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Saturniidae						
<i>Adelowalkeria</i> sp.2	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Caio</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Cerodirphia mota napoensis</i>	11	D	D	C	F	Z
<i>Citioica anthonilis</i>	3	ND	ND	R	PF	Z
Saturniidae						
<i>Dirphia fraterna</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.2	5	ND	ND	D	PF	Z
<i>Eacles imperialis magnifica</i>	6	D	ND	C	F	Z
<i>Hylesia</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.2	83	D	D	MA	MF	Y
<i>Hylesia</i> sp.4	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rothschildia erycina erycina</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Syssphinx brevis</i>	5	ND	ND	D	PF	Z
Sphingidae						
<i>Adhemarius gannascus</i>	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eumorpha anchemolus</i>	7	D	ND	C	F	Z
<i>Erinnyis alope</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Enyo ocypete</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Protoparce sexta</i>	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Protambulyx strigilis</i>	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Xylophanes chiron nechus</i>	4	ND	ND	R	PF	Z
Megalopygidae						
<i>Megalopyge lanata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Megalopyge</i> sp.	116	D	D	MA	MF	Z
<i>Norape plumosa</i>	25	D	D	MA	MF	Y
Notodontidae						
<i>Antaea juturna</i>	5	ND	ND	D	PF	Z
<i>Chliara cresus</i>	5	ND	ND	D	PF	Z
<i>Crinodes</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hemiceras</i> sp.2	35	D	D	MA	MF	Z
<i>Lepasta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp.2	11	D	D	C	F	Y
<i>Rosema demorsa</i>	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Rosema sciritis</i>	5	ND	ND	D	PF	Z
Crambidae						
<i>Agathodes designalis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Loxostege</i> sp.2	83	D	D	MA	MF	Y
<i>Maruca vitrata</i>	215	D	D	MA	MF	W
<i>Nomophila noctuella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Noorda esmeralda</i>	10	D	D	C	F	Z
<i>Omiodes indicatus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Arctiidae						
<i>Palpita quadristigmalis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Samea ecclesialis</i>	8	D	ND	C	F	Z

continua...

Tabela 6, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Arctiidae							
<i>Samea</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Siga liris</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Syngamia florella</i>	6	D	ND	C	F	Y	
Hesperiidae							
<i>Achylodes</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Corticea</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Quinta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Vinius</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
Lasiocampidae							
<i>Euglyphis consolabilis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Limacodidae							
<i>Euphobetron moorei</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
Psychidae							
<i>Oiketicus kirbyi</i>	5	ND	ND	D	PF	Y	
Cossidae							
<i>Morpheis pyracmon</i>	4	ND	ND	R	PF	Y	
Hepialidae							
<i>Dalaca</i> sp.2	3	ND	ND	R	PF	Z	
Pyralidae							
<i>Epidelia viridalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Etiella zinckenella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Milgithea argentilinea</i>	21	D	D	MA	MF	Y	
<i>Pococera</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Semnia subauritalis</i>	3	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Zinckenia fascialis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Yponomeutidae							
<i>Atteva pustulella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Urodus</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
Hedylidae							
<i>Macrosoma</i> sp.	15	D	D	MA	MF	Y	
Tineidae							
<i>Tiquadra</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Tiquadra</i> sp.2	17	D	D	MA	MF	W	
Thyrididae							
<i>Macrogonia</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z	
Acrolophidae							
<i>Acrolophus</i> sp.1	5	ND	ND	D	PF	Z	
Mimallonidae							
<i>Trogoptera</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
Geometridae							
<i>Oospila</i> sp.	3	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero amanda</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	

continua...

Tabela 6, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Geometridae						
<i>Pero</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pero</i> sp.4	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Phundocantra</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Semiothisa</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Semiothisa</i> sp.2	11	D	D	C	F	Z
<i>Semiothisa</i> sp.3	32	D	D	MA	MF	W
<i>Sphacelodes vulneraria</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Synchlora gerularia</i>	11	D	D	C	F	Y
<i>Synchlora</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
Noctuidae						
<i>Anticarsia gemmatalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argidia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argidia tomyris</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ascalapha odorata</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Bagisara repanda</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Baniana</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Bleptina</i> sp.1	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Coenipeta</i> sp.	5	ND	ND	D	PF	Z
<i>Condica</i> sp.	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Cucullia</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Cydosia rimata</i>	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Darceta</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Diphthera festiva</i>	3	ND	ND	R	PF	Y
<i>Elaphria deltoides</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Elaphria grata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epitausa coppryi</i>	6	D	ND	C	F	Y
<i>Eublemma</i> sp.	20	D	D	MA	MF	Y
<i>Eulepidotis</i> sp.2	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.3	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucamia</i> sp.2	39	D	D	MA	MF	Y
<i>Leucamia</i> sp.3	8	D	ND	C	F	Y
<i>Leucamia striguscala</i>	12	D	D	C	F	W
<i>Massala hieroglyphica</i>	4	ND	ND	R	PF	Y
<i>Melipotis perpendicularis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Melipotis</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Mocis disserverans</i>	80	D	D	MA	MF	Z
<i>Mocis latipes</i>	15	D	D	MA	MF	Y
<i>Mocis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ophisma tropicalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Perasia</i> sp.1	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Perasia</i> sp.2	60	D	D	MA	MF	Y
<i>Pseudoleucania</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ptichodis</i> sp.	3	ND	ND	R	PF	Z
<i>Scopifera</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela 6, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Noctuidae						
<i>Selenisa sueroides</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Sosxetra</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Spodoptera frugiperda</i>	5	ND	ND	D	PF	Y
<i>Zale</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z

Espécies/Indivíduos: 140/1.367

Total Índice de Diversidade (Shannon-Wiener) => $H = 3,7409$
 Variância $H \Rightarrow V(H) = 0,0016$ // Intervalo de Confiança ($P=0,005$) $H \Rightarrow [3,738754; 3,743096]$ Índice de Diversidade (Margalef) => $ALFA = 19,2511$ Índice de Uniformidade ou Equitabilidade => $E = 0,7570$ (1) Método de Laroca e Mielke (1975); (2) Método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância - (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito freqüente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

No Plantio Consorciado pelo método de Laroca e Mielke (1975) foram encontradas 36 espécies dominantes e 125 não dominantes, em relação a abundância foram 99 espécies raras, 16 muito abundantes, 15 dispersas e 31 comuns. Com base na frequência, 114 espécies foram consideradas pouco frequentes, 16 muito frequentes e 31 frequentes. Quanto à constância, 126 espécies são consideradas acidentais, 31 acessórias e quatro constantes (Tabela 7).

As espécies *M. vitrata*, *Hylesia* sp.2, *Synchlora* sp.2, *Semiothisa* sp.3 destacaram-se como dominantes, muito abundantes, muito frequentes e constantes, sendo as três últimas espécies de desfolhadores. Segundo Di iorio (1993), nos ecossistemas florestais, vários grupos de insetos têm importância econômica, como por exemplo, os coleópteros, que só perdem em importância para as formigas cortadeiras e para os lepidópteros desfolhadores.

Plantio Consorciado apresentou baixa diversidade comparado com os outros ambientes (Shannon-Wiener $\exp H' = 3,6025$ espécies).

TABELA 7 – ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NO PLANTIO CONSORCIADO COMPOSTO POR ESPÉCIES DE *Ficus* spp., *Astronium* sp., *Jacaranda copaia*, *Syzygium jambolanum* e *Aspidosperma* sp., FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Arctiidae						
<i>Aclytia heber</i>	4	ND	ND	C	F	Z
<i>Ammalo</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Belemnia inaurata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Cosmosoma</i> sp.	22	D	D	MA	MF	Y
<i>Dysschema sacrifica</i>	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Dysschema</i> sp.2	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Dysschema</i> sp.3	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema</i> sp.4	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema</i> sp.5	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema subapicalis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eucereon rosa</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eucereon</i> sp.	23	D	D	MA	MF	Y
<i>Evius albicoxae</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyalurga</i> sp.3	10	D	D	C	F	Y
<i>Hyalurga syma</i>	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Hypercompe</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
Arctiidae						
<i>Hyponerita tipolis</i>	7	D	ND	C	F	Y
<i>Idalus heróis</i>	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Lepidokirbyia</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucanopsis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Melese</i> sp.1	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Melese</i> sp.3	6	D	ND	C	F	Z
<i>Neonerita</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Nodozana fifi</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Paracles paula</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Paracles</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Paracles</i> sp.2	77	D	D	MA	MF	Y
<i>Paracles</i> sp.3	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Paranerita</i> sp.2	16	D	D	MA	MF	Y
<i>Poliospatea indistincta</i>	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Pygarctia</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
Saturniidae						
<i>Adelowalkeria</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Adelowalkeria</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Automeris</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Caio</i> sp.	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Cerodirphia mota napoensis</i>	9	D	D	C	F	Z
<i>Citioica anthonilis</i>	6	D	ND	C	F	Y

continua...

Tabela 7, Cont.

Família/Gênero/Espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Saturniidae						
<i>Dirphia</i> sp.2	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eacles imperialis magnífica</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.2	126	D	D	MA	MF	W
<i>Hylesia</i> sp.5	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Opsiphanes</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Periga</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pseudoautomeris luteata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rhescynthis hippodamia hippodamia</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Syssphinx brevis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Syssphinx molina</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
Megalopygidae						
<i>Megalopyge lanata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Megalopyge</i> sp.	4	ND	ND	R	PF	Z
<i>Norape plumosa</i>	8	ND	ND	R	PF	Z
<i>Podalia</i> sp.	1	ND	ND	C	F	Z
<i>Trosia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
Notodontidae						
<i>Hemiceras</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hemiceras</i> sp.2	20	D	D	MA	MF	Z
<i>Hemiceras torva</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp.2	10	D	D	C	F	Y
<i>Lirimiris</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp.4	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Marthula</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Notodontidae						
<i>Rosema demorsa</i>	7	D	ND	C	F	Y
<i>Rosema dorsalis</i>	6	D	ND	C	F	Z
<i>Rosema sciritis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Trichomaplata vittata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Nymphalidae						
<i>Euptychia</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Morpho helenor violaceus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Hesperiidae						
<i>Achylodes</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Calpodes ethlius</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Corticea</i> sp.1	4	ND	ND	C	F	Z
<i>Polythrix</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Proteides mercurius</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Lasiocampidae						
<i>Euglyphis consolabilis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Euglyphis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
Limacodidae						
<i>Acharia nesea</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Phobetron hipparchia</i>	1	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela 7, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Apatelodidae							
<i>Apatelodes pandara</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Dalceridae							
<i>Acraga</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
Cossidae							
<i>Morpheis pyracmon</i>	3	ND	ND	R	PF	Z	
Libytheidae							
<i>Libytheana carinenta</i>	2	ND	ND	D	PF	Z	
Pyralidae							
<i>Caphys</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Chrysaugae</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Epidelia viridalis</i>	3	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Milgithea argentilínea</i>	18	D	D	MA	MF	Y	
<i>Pococera</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Semnia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Semnia subauritalis</i>	6	D	ND	C	F	Y	
Lycaenidae							
<i>Pseudolycaena marsyas</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Yponomeutidae							
<i>Atteva pustulella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Urodus</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z	
Tineidae							
<i>Tiquadra</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Tiquadra</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
Thyrididae							
<i>Macrogonia</i> sp.	6	D	ND	C	F	Z	
Riodinidae							
<i>Synargis calyce</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Acrolophidae							
<i>Acrolophus</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Acrolophus</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
Geometridae							
<i>Oospila</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero</i> sp.4	6	D	ND	C	F	Z	
<i>Phrudocentra</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Z	
<i>Semiothisa</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Semiothisa</i> sp.2	21	D	D	MA	MF	Y	
<i>Semiothisa</i> sp.3	56	D	D	MA	MF	W	
<i>Sphacelodes vulneraria</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Synchlora gerularia</i>	6	D	ND	C	F	Y	
<i>Synchlora</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Synchlora</i> sp.2	13	D	D	MA	MF	W	
<i>Thyrinteina schadeana</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	

continua...

Tabela 7, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Noctuidae						
<i>Argidia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Bagisara repanda</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Baniana</i> sp.	12	D	D	A	MF	Y
<i>Bleptina confusalis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ceroctena amynta</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Coenipeta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Condica</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Cydosia rimata</i>	7	D	ND	C	F	Y
<i>Dyops</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epitausa coppryi</i>	9	D	D	C	F	Y
<i>Eriopyga</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eublemma</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.3	10	D	D	C	F	Z
<i>Gonodonta sinaldus</i>	3	ND	ND	D	PF	Y
<i>Gonodonta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hypena</i> sp.	3	ND	ND	D	PF	Y
<i>Letis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucania</i> sp.1	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Leucania</i> sp.2	10	D	D	C	F	Y
<i>Leucania</i> sp.3	7	D	ND	C	F	Y
<i>Leucania striguscala</i>	15	D	D	MA	MF	Y
<i>Massala hieroglyphica</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Melipotis perpendicularis</i>	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Mocis disserverans</i>	39	D	D	MA	MF	Z
<i>Mocis latipes</i>	5	ND	ND	C	F	Z
<i>Mocis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Perasia</i> sp.2	8	D	D	C	F	Y
<i>Pseudoleucania</i> sp.	5	ND	ND	C	F	Y
<i>Ptichodis</i> sp.	7	D	ND	C	F	Y
<i>Selenisa sueroides</i>	3	ND	ND	D	PF	Z
<i>Spodoptera eridania</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Spodoptera frugiperda</i>	5	ND	ND	C	F	Z

Espécies/Indivíduos:161/1.232

Total Índice de Diversidade (Shannon-Wiener) => H = 3,6025

Variância H=> V(H)= 0,0025 // Intervalo de Confiança (P=0,005) H => [3,599689; 3,605394] Índice de Diversidade (Margalef) => ALFA= 22,4833 // Índice de Uniformidade ou Equitabilidade => E = 0,7090

(1) Metodo de Laroca e Mielke (1975); (2) Metodo de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância - (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) accidental.

No ambiente de Floresta Nativa, pelo no método de Laroca e Mielke (1975), foram encontradas 22 espécies dominantes e 151 não dominantes. Em relação à abundância, 114 espécies foram consideradas raras, 42 comuns e 17 muito abundantes. Com base na frequência, 114 espécies encontradas são pouco frequentes, 17 muito frequentes e 42 frequentes. Quanto à constância foram coletadas 135 espécies acidentais, 32 acessórias e seis constantes (Tabela 8).

As espécies *Paracles* sp.2, *Hylesia* sp.2, *M. vitrata*, *Macrosoma* sp., *Synchlora* sp.2, *Semiothisa* sp.3, destacaram-se como dominantes, muito abundantes, muito frequentes e constantes (Tabela 8).

Houve maior diversidade em Floresta Nativa em comparação com os demais ambientes estudados, demonstrando que as condições ambientais dessa área favorece a adaptação de um número maior de espécies.

TABELA 8 – ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE FLORESTA NATIVA, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Arctiidae							
<i>Aclytia heber</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Ammalo</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Z	
<i>Belemnia inaurata</i>	4	ND	ND	C	F	Y	
<i>Cosmosoma</i> sp.	14	D	D	MA	MF	Y	
<i>Dysschema sacrificata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Dysschema</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Eucereon rosa</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Eucereon</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Y	
<i>Hyalurga</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Hyalurga</i> sp.3	3	ND	ND	C	F	Y	
<i>Hyalurga syma</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Hypocrita</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Hyponerita tipolis</i>	5	ND	D	C	F	Z	
<i>Leucanopsis</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Melese</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Melese</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Melese</i> sp.3	2	ND	ND	R	PF	Z	
continua...							

Tabela 8, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Arctiidae						
<i>Nodozana fifi</i>	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Nodozana thricophora</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Paracles</i> sp.2	111	D	D	MA	MF	W
<i>Paracles</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Paranerita</i> sp.2	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Sciopsyche</i> sp.	6	D	D	C	F	Z
<i>Trichura cerberus</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
Saturniidae						
<i>Adelowalkeria</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Adelowalkeria</i> sp.2	6	D	D	C	F	Y
<i>Automeris</i> sp.	7	D	D	MA	MF	Y
<i>Cerodirphia mota napoensis</i>	5	ND	D	C	F	Z
<i>Citioica anthonilis</i>	4	ND	ND	C	F	Z
<i>Citioica</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dirphia fraterna</i>	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Dirphia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.2	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Eacles imperialis magnífica</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.1	5	ND	D	C	F	Z
<i>Hylesia</i> sp.2	61	D	D	MA	MF	W
<i>Hylesia</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hylesia</i> sp.5	4	ND	ND	C	F	Z
<i>Periga</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pseudoautomeris luteata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rhescynthis hippodamia hippodamia</i>	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Rothschildia erycina erycina</i>	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Syssphinx brevis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
Sphingidae						
<i>Enyo ocypete</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Erinnyis alope</i>	5	ND	D	C	F	Y
<i>Erinnyis oenotrus</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eumorpha anchemolus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Protambulyx strigilis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pseudosphinx tetrio</i>	3	ND	ND	C	F	Y
<i>Xylophanes chiron nechus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Xylophanes porcus continentalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Megalopygidae						
<i>Megalopyge lanata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Megalopyge</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Norape plumosa</i>	12	D	D	MA	MF	Y
Notodontidae						
<i>Chliara cresus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hemiceras</i> sp.2	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela 8, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Notodontidae						
<i>Lirimiris truncata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Marthula</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rosema demorsa</i>	6	D	D	C	F	Y
<i>Rosema dorsalis</i>	7	D	D	MA	MF	Y
<i>Rosema sciritis</i>	5	ND	D	C	F	Z
Crambidae						
<i>Diaphania hyalinata</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyalea</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Loxostege</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Loxostege</i> sp.2	28	D	D	MA	MF	Y
<i>Maruca vitrata</i>	70	D	D	MA	MF	W
<i>Noorda esmeralda</i>	5	ND	D	C	F	Y
<i>Omiodes indicatus</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Palpita quadristigmalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Phostria tedeae</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Samea ecclesialis</i>	5	ND	D	C	F	Z
<i>Samea</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Z
<i>Siga liris</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Syngamia florella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Nymphalidae						
<i>Adelpha mesentina</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Adelpha</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Archeoprepona demophoon</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Brassolis sophorae</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Caligo brasiliensis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dasyophthalma</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eunica tatila</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Taygetis</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Hesperiidae						
<i>Astraptus fulgerator</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Calpodus ethlius</i>	4	ND	ND	C	F	Z
<i>Corticea</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epargyreus</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Thespieus</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Urbanus proteus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Urbanus simplicius</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Vinius</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Lasiocampidae						
<i>Euglyphis consolabilis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Euglyphis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Euglyphis</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
Limacodidae						
<i>Acharia nesea</i>	2	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela 8, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Uraniidae							
<i>Urania leilus</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
Apatelodidae							
<i>Apatelodes pandara</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Olceclostera nina</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Hepialidae							
<i>Dalaca</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Dalaca</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
Pyralidae							
<i>Chrysaugae</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Chrysaugae</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Milgitha argentilinea</i>	30	D	D	MA	MF	Y	
<i>Semnia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Semnia subauritalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Lycaenidae							
<i>Cyanophrys acaste</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Strephonota</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
Oecophoridae							
<i>Stenoma catenifer</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Yponomeutidae							
<i>Urodus</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Y	
Tineidae							
<i>Tiquadra</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Tiquadra</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
Hedylidae							
<i>Macrosoma</i> sp.	8	D	D	MA	MF	W	
Thyrididae							
<i>Macrogonia</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z	
Geometridae							
<i>Epimecis puellaria</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Oospila</i> sp.	7	D	D	MA	MF	Z	
<i>Oxydia agliata</i>	3	ND	ND	C	F	Z	
<i>Oxydia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero amanda</i>	3	ND	ND	C	F	Y	
<i>Pero</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero</i> sp.4	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Phrudocentra</i> sp.	5	ND	D	C	F	Y	
<i>Semiothisa</i> sp.1	6	D	D	C	F	Z	
<i>Semiothisa</i> sp.2	5	ND	D	C	F	Y	
<i>Semiothisa</i> sp.3	29	D	D	MA	MF	W	
<i>Sphacelodes vulneraria</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Synchlora gerularia</i>	8	D	D	MA	MF	Y	
<i>Synchlora</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Synchlora</i> sp.2	15	D	D	MA	MF	W	

continua...

Tabela 8, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Geometridae						
<i>Synchlora</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Synchlora</i> sp.4	1	ND	ND	R	PF	Z
Noctuidae						
<i>Agrotis repleta</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Anticarsia gemmatalis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argidia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argidia</i> sp.2	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Argidia</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argyrogramma verruca</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ascalapha odorata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Bagisara repanda</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Baniana</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Z
<i>Bleptina confusalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ceroctena amynta</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Coenipeta</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Cucullia</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Cydosia rimata</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Elaphria deltoides</i>	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Elaphria grata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Elaphria</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epitausa coppryi</i>	7	D	D	MA	MF	Y
<i>Eriopyga</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eublemma</i> sp.	12	D	D	MA	MF	Y
<i>Eulepidotis detracta</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.2	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.3	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Gonodonta sicheas</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hemeroblemma</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucania</i> sp.2	6	D	D	C	F	Y
<i>Leucania</i> sp.3	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucania striguscala</i>	4	ND	ND	C	F	Y
<i>Massala hieroglyphica</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Melipotis perpendicularis</i>	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Mocis disserverans</i>	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Mocis latipes</i>	8	D	D	MA	MF	Y
<i>Mocis</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pararcte</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Perasia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Perasia</i> sp.2	5	ND	D	C	F	Y
<i>Pseudoleucania</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Ptichodis</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Thioptera</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z
<i>Zale</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Espécies/Indivíduos: 172/750						

Total Índice de Diversidade (Shannon-Wiener) => $H = 4,0876$
 Variância $H \Rightarrow V(H) = 0,0034$ // Intervalo de Confiança ($P=0,005$) $H \Rightarrow [4,083338; 4,091843]$
 Índice de Diversidade (Margalef) => $ALFA = 25,8305$ Índice de Uniformidade ou Equitabilidade => $E = 0,7941$
 (1) Metodo de Laroca e Mielke (1975); (2) Metodo de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância - (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) accidental.

De acordo com Laroca e Mielke (1975), foram encontradas na Mata Ripária 100 espécies não dominantes e 13 dominantes. Com base na abundância, 68 espécies consideradas raras, 19 comuns, 13 dispersas e 12 muito abundantes. Em relação à frequência, ocorreram 81 espécies pouco frequentes, 19 frequentes e 13 muito frequentes. Quanto a constância, 96 espécies foram consideradas accidentais, 15 acessórias e duas constantes (Tabela 9).

As espécies *Hylesia* sp.2 e *M. vitrata* foram relacionadas como dominante, muito abundantes, muito frequentes e constantes (Tabela 9).

TABELA 9 – ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NA MATA RIPÁRIA, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Arctiidae							
<i>Aclytia heber</i>	3	ND	ND	C	F	Z	
<i>Belemnina inaurata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Cosmosoma</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Z	
<i>Dysschema sacrifica</i>	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Dysschema subapicalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Eucereon</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Y	
<i>Evius albicoxae</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Hyponerita tipolis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Leucanopsis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Melese</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Melese</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Neonerita</i> sp.	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Nodozana fifi</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Paracles paula</i>	3	ND	ND	C	F	Z	
<i>Paracles</i> sp.2	25	D	D	MA	MF	Y	
<i>Paranerita</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	

continua...

Tabela 9, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Arctiidae							
<i>Psoloptera</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Sciopsyche</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
Sphingidae							
<i>Enyo ocypete</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Enyo</i> sp.	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Oryba achemenides</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Protambulyx strigilis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Crambidae							
<i>Agathodes designalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Hyalea</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Loxostege</i> sp.2	41	D	D	MA	MF	Y	
<i>Maruca vitrata</i>	63	D	D	MA	MF	W	
<i>Noorda esmeralda</i>	5	ND	D	C	F	Z	
<i>Omiodes indicatus</i>	17	D	D	MA	MF	Z	
<i>Polygrammodes ostrealis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Samea ecclesialis</i>	18	D	D	MA	MF	Z	
<i>Siga liris</i>	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Syngamia florella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Hesperiidae							
<i>Astrartes anaphus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Dyscophellus porcius</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pyrrhopyge charybdis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Quinta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Thespieus</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
Limacodidae							
<i>Euphobetron moorei</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Pieridae							
<i>Aphrissa statira</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Hedylidae							
<i>Macrosoma</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Y	
Riodinidae							
<i>Ancyluris aulestes</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Saturniidae							
<i>Caio</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Citioica anthonilis</i>	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Dirphia fraterna</i>	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Dirphia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Hylesia</i> sp.1	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Hylesia</i> sp.2	43	D	D	MA	MF	W	
<i>Hylesia</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Rhescynthis hippodamia hippodamia</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Syssphinx brevis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Megalopygidae							
<i>Megalopyge lanata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	

continua...

Tabela 9, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Megalopygidae							
<i>Megalopyge</i> sp.	4	ND	ND	C	F	Z	
<i>Norape plumosa</i>	8	D	D	C	F	Y	
<i>Podalia</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
Notodontidae							
<i>Lepasta</i> sp.	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Lirimiris</i> sp.2	3	ND	ND	C	F	Z	
<i>Lirimiris truncata</i>	2	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Rosema demorsa</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Rosema dorsalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Rosema sciritis</i>	3	ND	ND	C	F	Z	
Nymphalidae							
<i>Archeoprepona demophoon</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Myscelia orsis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Lasiocampidae							
<i>Euglyphis</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z	
Apatelodidae							
<i>Apatelodes pandara</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
Pyralidae							
<i>Milgithea argentilinea</i>	21	D	D	MA	MF	Y	
<i>Milgithea</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Semnia subauritalis</i>	2	ND	ND	D	PF	Z	
Yponomeutidae							
<i>Urodus</i> sp.	1	ND	ND	C	F	Y	
Tineidae							
<i>Tiquadra aeneonivella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Tiquadra inscitella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Tiquadra</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Tiquadra</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
Thyrididae							
<i>Macrogonia</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Y	
Geometridae							
<i>Epimecis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Epimecis</i> sp.2	3	ND	ND	C	F	Y	
<i>Oxydia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Oxydia vesulia</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero amanda</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Pero</i> sp.5	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Semiothisa</i> sp.2	4	ND	ND	C	F	Z	
<i>Semiothisa</i> sp.3	25	D	D	MA	MF	Y	
<i>Synchlora gerularia</i>	12	D	D	MA	MF	Y	
<i>Synchlora</i> sp.2	7	D	D	MA	MF	Y	
<i>Thyrinteina schadeana</i>	4	ND	ND	C	F	Z	
Noctuidae							
<i>Argidia</i> sp.1	2	ND	ND	R	PF	Z	

continua...

Tabela 9, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos					
		D		A	F	C	
		1	2				
Noctuidae							
<i>Argidia</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Argyrogramma</i> sp.	1	ND	ND	C	F	Z	
<i>Calyptis semicuprea</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Coenipeta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Cydosia rimata</i>	1	ND	D	C	F	Z	
<i>Elaphria deltoides</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Elaphria</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Elaphria</i> sp.2	1	ND	D	C	F	Z	
<i>Epitausa coppryi</i>	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Eublemma</i> sp.	5	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Eulepidotis</i> sp.2	1	D	D	MA	MF	Y	
<i>Eulepidotis</i> sp.3	12	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Heliothis virescens</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Letis</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Leucania</i> sp.1	1	D	D	A	MF	Z	
<i>Leucania</i> sp.2	6	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Leucania</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Leucania striguscala</i>	5	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Melipotis perpendicularis</i>	1	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Melipotis</i> sp.	2	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Mocis disserverans</i>	7	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Mocis latipes</i>	5	D	D	MA	MF	Z	
<i>Mocis</i> sp.2	1	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Ophisma troricalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Perasia</i> sp.2	5	ND	D	C	F	Y	
<i>Ptichodis</i> sp.	1	ND	ND	D	PF	Z	
<i>Spodoptera eridania</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Spodoptera frugiperda</i>	3	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Xanthopastis timais</i>	1	ND	ND	R	PF	Z	
<i>Zale</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z	

Espécies/Indivíduos: 113/463

Total Índice de Diversidade (Shannon-Wiener) => $H = 3,7331$

Variância $H \Rightarrow V(H) = 0,0044$ // Intervalo de Confiança ($P=0,005$) $H \Rightarrow [3,726901; 3,739252]$ Índice de Diversidade (Margalef) => $ALFA = 18,2478$ // Índice de Uniformidade ou Equitabilidade => $E = 0,7897$

(1) Método de Laroca e Mielke (1975); (2) Método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância - (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) acidental.

Com base na metodologia de Laroca e Mielke (1975), foram encontradas 96 espécies não dominantes e 11 dominantes. Em relação a abundância, ocorreram 68 espécies raras, 26 comuns e 13 muito

abundantes. De acordo com a frequência, 68 espécies foram consideradas pouco frequentes, 26 frequentes e 13 muito frequentes. Quanto à constância, 95 espécies são relacionadas como acidentais, 11 acessórias e uma constante (Tabela 10).

A espécie *Semiothisa* sp.3 foi denominada como dominante, muito abundante, muito frequente e constante (Tabela 10).

Em relação a diversidade Capoeira com $\exp H' = 3,7694$ espécies foi o segundo ambiente após a Floresta Nativa mais diversificado.

TABELA 10 – ANÁLISE FAUNÍSTICA DAS ESPÉCIES COLETADAS NO AMBIENTE CAPOEIRA, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Arctiidae						
<i>Cosmosoma</i> sp.	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Dycladia lucetius</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dysschema</i> sp.2	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Epidesma</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Eucereon rosa</i>	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Eucereon</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyalurga</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hypercompe</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hyponerita tipolis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Idalus heróis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Melese</i> sp.3	3	ND	ND	C	F	Y
<i>Neonerita</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Nodozana fifi</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Paracles</i> sp.2	25	D	D	MA	MF	Y
<i>Paracles</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Paranerita</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pareuchaetes insulata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Sciopsyche</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Saturniidae						
<i>Adelowalkeria</i> sp.1	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Adelowalkeria</i> sp.2	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Caio</i> sp.	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Citioica anthonilis</i>	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Dirphia fraterna</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dirphia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela, 10 Cont.

Família/Gênero/espécie	número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Sarturniidae						
<i>Dirphia</i> sp.2	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Hylesia</i> sp.2	26	D	D	MA	MF	Y
<i>Hylesia</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rothschildia erycina erycina</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Syssphinx brevis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Sphingidae						
<i>Enyo ocypete</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Erinnyis oenotrus</i>	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Eumorpha anchemolus</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Madoryx</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Manduca florestan</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Protambulyx strigilis</i>	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Protoparce sexta</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Psychidae						
<i>Oiketicus kirbyi</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Cossidae						
<i>Morpheis pyracmon</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Hedylidae						
<i>Macrosoma</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Z
Cossidae						
<i>Morpheis pyracmon</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Hedylidae						
<i>Macrosoma</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Z
Tineidae						
<i>Tiquadra</i> sp.2	2	ND	ND	C	F	Z
Thyrididae						
<i>Macrogonia</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Megalopygidae						
<i>Norape plumosa</i>	4	ND	D	C	F	Z
<i>Trosia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
Notodontidae						
<i>Hemiceras</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hemiceras</i> sp.2	4	ND	D	C	F	Z
<i>Lepasta grammodes</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp. 2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lirimiris</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rosema demorsa</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Rosema dorsalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Crambidae						
<i>Agathodes designalis</i>	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Diaphania hyalinata</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Dichogama redtenbacheri</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Loxostege</i> sp.1	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Loxostege</i> sp.2	47	D	D	MA	MF	Y

continua...

Tabela 10, Cont.

Família/Gênero/espécie	Número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Crambidae						
<i>Maruca vitrata</i>	38	D	D	MA	MF	Y
<i>Noorda esmeralda</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Palpita quadristigmalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Phostria tedeae</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Samea ecclesialis</i>	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Siga liris</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Syngamia florella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Nymphalidae						
<i>Taygetis</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
Hesperiidae						
<i>Proteides mercurius</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Limacodidae						
<i>Euphobetron moorei</i>	2	ND	ND	C	F	Z
Hepialidae						
<i>Dalaca</i> sp.1	2	ND	ND	C	F	Z
Pyralidae						
<i>Etiella zinckenella</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Milgithea argentilinea</i>	8	D	D	MA	MF	Y
<i>Semnia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Semnia subauritalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Pyralidae						
<i>Zinckenia fascialis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Oecophoridae						
<i>Loxotoma elegans</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Stenoma armanta</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Geometridae						
<i>Epimecis puellaria</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epimecis</i> sp.1	3	ND	ND	C	F	Z
<i>Leuciris minutepunctaria</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Oospila</i> sp.	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Oxydia</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Pero amanda</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Phrudocentra</i> sp.	3	ND	ND	C	F	Y
<i>Semiothisa</i> sp.3	19	D	D	MA	MF	W
<i>Synchlora gerularia</i>	13	D	D	MA	MF	Y
<i>Synchlora</i> sp.1	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Synchlora</i> sp.2	5	ND	D	MA	MF	Y
<i>Thyrinteina schadeana</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
Noctuidae						
<i>Anticarsia gemitalis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argidia</i> sp.1	4	ND	D	C	F	Z
<i>Argidia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Argyrogramma</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Coenipeta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z

continua...

Tabela 10, Cont.

Família/Gênero/espécie	número de indivíduos	Índices faunísticos				
		D		A	F	C
		1	2			
Noctuidae						
<i>Argyrogramma</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Coenipeta</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Elaphria deltoídes</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Epitausa coppryi</i>	7	D	D	MA	MF	Y
<i>Eublemma</i> sp.	6	D	D	MA	MF	Z
<i>Eulepidotis</i> sp.3	7	D	D	MA	MF	Z
<i>Hemeroblemma</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Hypena</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Lesmone formularis</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Letis</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucania</i> sp.2	8	D	D	MA	MF	Y
<i>Leucania</i> sp.3	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Leucania striguscala</i>	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Melipotis</i> sp.	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Mocis disserverans</i>	5	ND	D	MA	MF	Z
<i>Mocis latipes</i>	2	ND	ND	C	F	Z
<i>Perasia</i> sp.2	1	ND	ND	R	PF	Z
<i>Zale</i> sp.	2	ND	ND	C	F	Z

Espécies/Indivíduos: 107/348

Total Índice de Diversidade (Shannon-Wiener) => $H = 3,7694$

Variância $H \Rightarrow V(H) = 0,0059$ // Intervalo de Confiança ($P=0,005$) $H \Rightarrow [3,761207; 3,777613]$ // Índice de Diversidade (Margalef) => $ALFA = 18,1128$ // Índice de Uniformidade ou Equitabilidade => $E = 0,8067$

(1) Método de Laroca e Mielke (1975); (2) Método de Sakagami e Laroca (1967). D: Dominância – (SD) super dominante; (D) dominante; (ND) não dominante. A: Abundância - (SA) super abundante; (MA) muito abundante; (A) abundante; (C) comum; (D) dispersa; (R) rara. F: Frequência – (SF) super frequente; (MF) muito frequente; (F) frequente; (PF) pouco frequente. C: Constância – (W) constante; (Y) acessória; (Z) accidental.

4.3 FLUTUAÇÃO POPULACIONAL

4.3.1 Flutuação das espécies dominantes, muito abundantes, muito frequentes e constantes

A população de *M. vitrata* teve seu pico populacional registrado no mês de setembro nos cinco ambientes, diminuindo sua população com o aumento da intensidade das chuvas no mês de outubro. Em junho no Plantio Consorciado, período seco, a população teve um pequeno aumento (Figura 4).

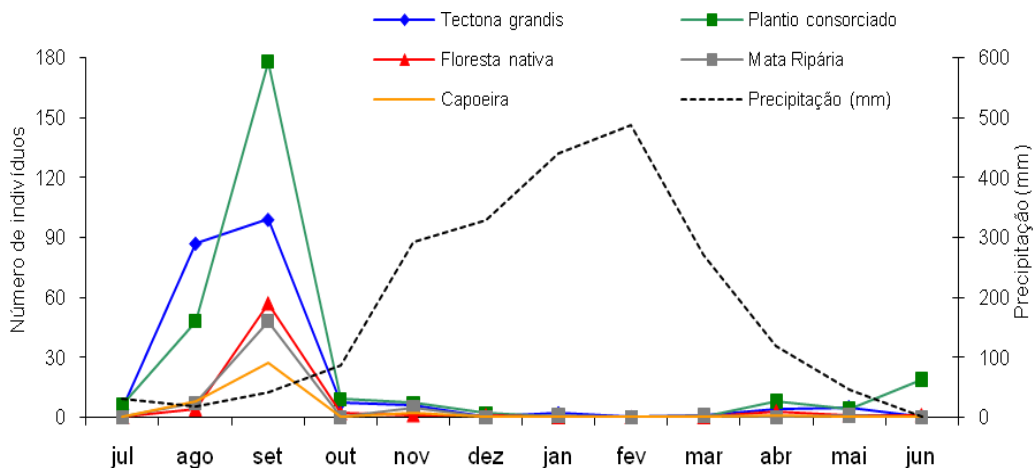


FIGURA 4 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Maruca vitrata* NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

A população de *Paranerita* sp2. apresentou dois picos populacionais destacados no mês de setembro nos ambientes de Plantio Consorciado e *Tectona grandis*, ainda em setembro ocorreu o declínio numérico da população e com picos menores nos meses chuvosos subsequentes em todos os ambientes (Figura 5).

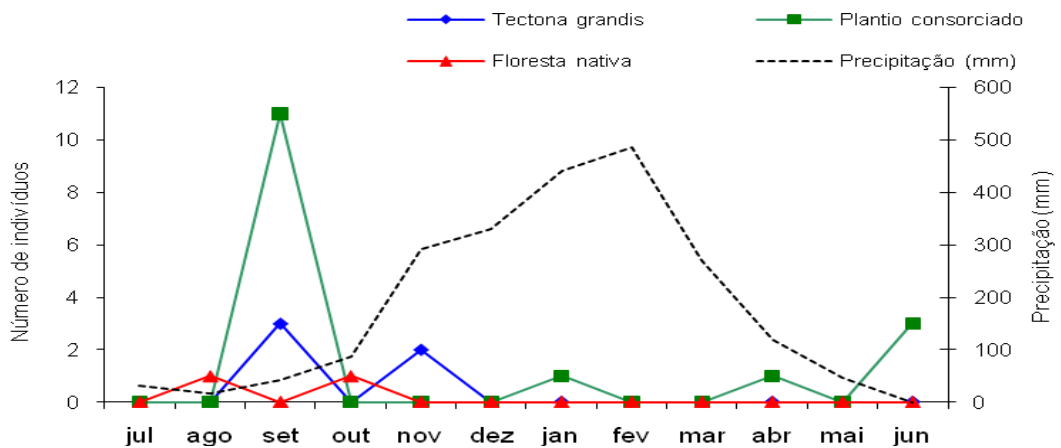


FIGURA 5 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Paranerita* sp.2, NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

A população de *Semiothisa* sp.3 teve seu pico populacional no mês de setembro nos cinco ambientes amostrados, apresentando leves aumentos populacionais em novembro nos ambientes Plantio Consorciado, e Mata Ripária e nos meses de janeiro em floresta nativa que corresponde ao período chuvoso (Figura 6).

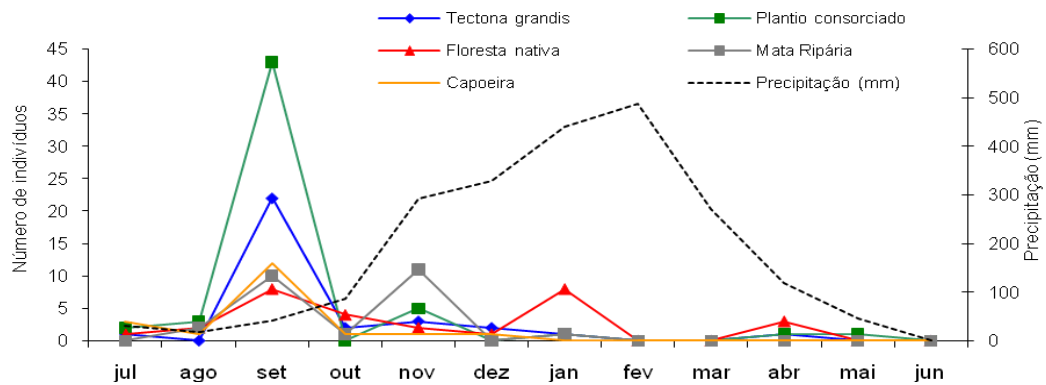


FIGURA 6 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Semiothisa* sp.3 NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Loxostege sp.2 obteve picos populacionais nos quatro ambientes em estudo nos meses de setembro, com um pequeno acréscimo populacional no mês de novembro (período chuvoso) (Tabela 7).

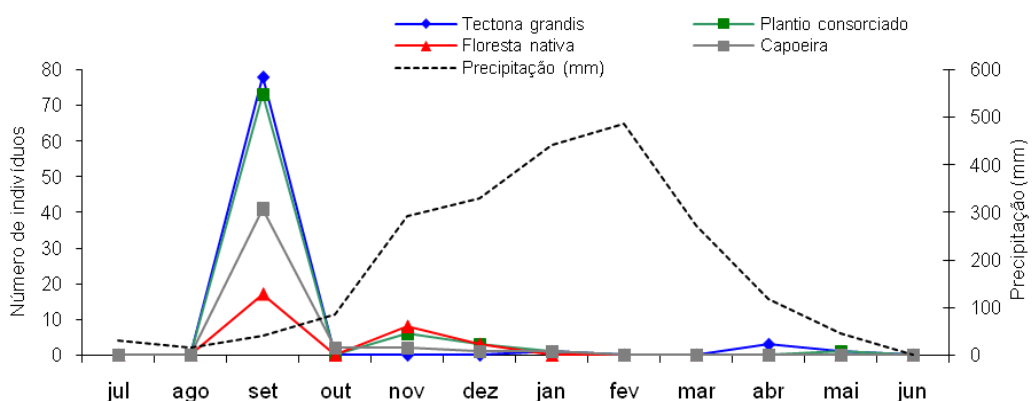


FIGURA 7 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Loxostege* sp.2, NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

A população de *Hylesia* sp.2 apresentou seu pico populacional no mês de setembro nos cinco ambientes amostrados outros pequenos aumentos na população ocorreu nos meses de novembro, dezembro e janeiro, abril (chuva), após esses meses obteve um pequeno acréscimo populacional no mês de junho (seca) nos ambientes de Plantio Consorciado, Mata Ripária e Floresta Nativa (Figura 8), esse fato pode estar associado a fatores bióticos, tais como, a regulação da densidade populacional por inimigos naturais e até mesmo a oferta de alimentos. Todavia, estudos devem ser realizados para determinar os fatores que estão exercendo essas influências.

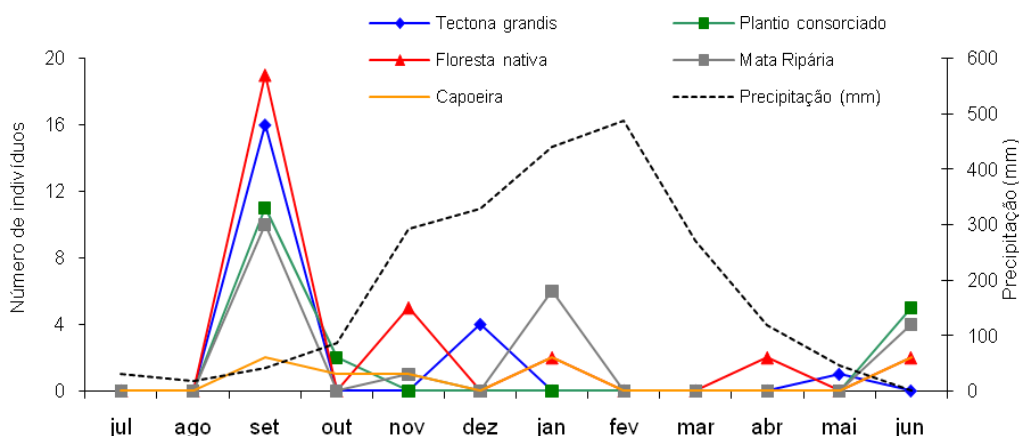


FIGURA 8 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Hylesia* sp.2 NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Samea ecclesiialis obteve picos populacionais em setembro nos ambientes Plantio Consorciado, Mata Ripária e Floresta Nativa, no plantio de *Tectona grandis* o pico populacional foi no final do período chuvoso (abril). Obteve um aumento de população no plantio consorciado em dezembro e abril (Figura 9).

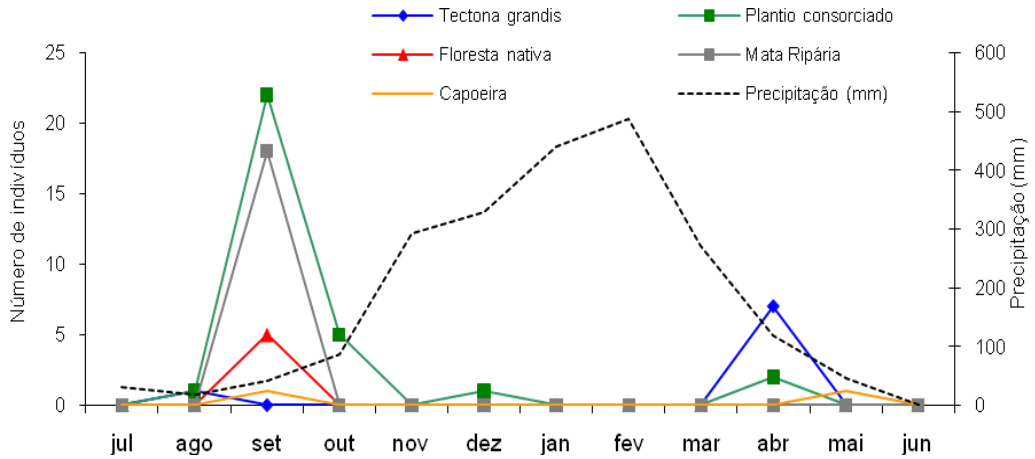


FIGURA 9- FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Samea ecclesialis*, NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

A população de *Macrosoma* sp. obteve seu acme no mês de setembro no Plantio de *Tectona grandis* (Figura 10).

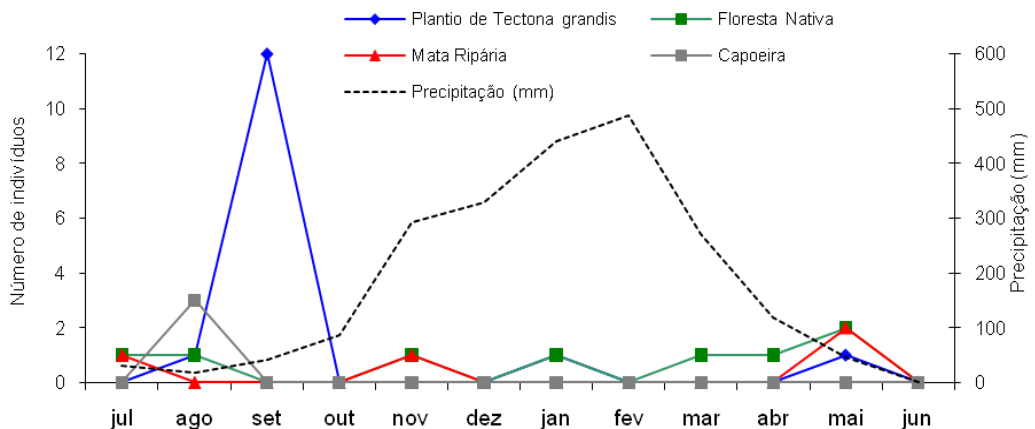


FIGURA 10 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Macrosoma* sp. NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Norape plumosa apresentou picos populacionais no mês de setembro nos Plantios de *Tectona grandis*, Floresta Nativa, Capoeira e Plantio Consorciado, em menor número de indivíduos resurgiu nos meses de novembro, janeiro, abril e no período seco em junho (Figura 11).

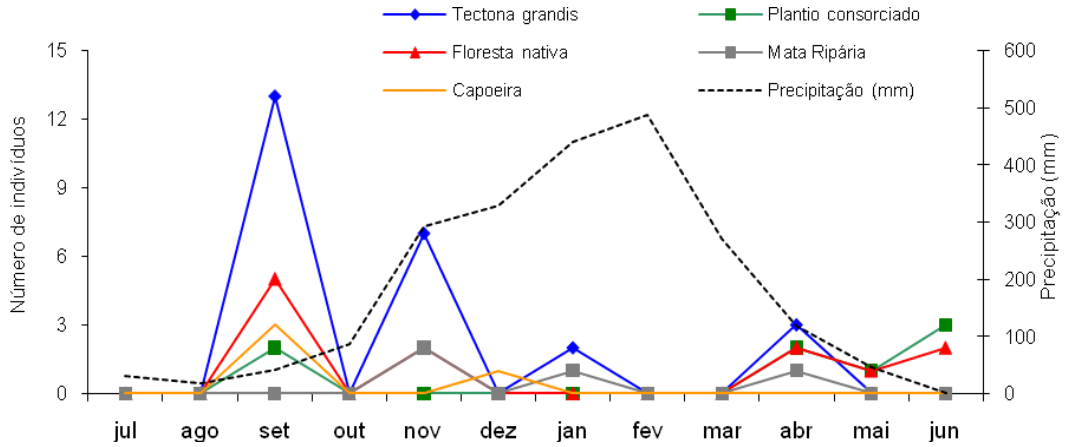


FIGURA 11 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Norape plumosa* NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

A população de *Eublemma* sp. obteve seu acme em setembro no Plantio de *Tectona grandis* (Figura 12).

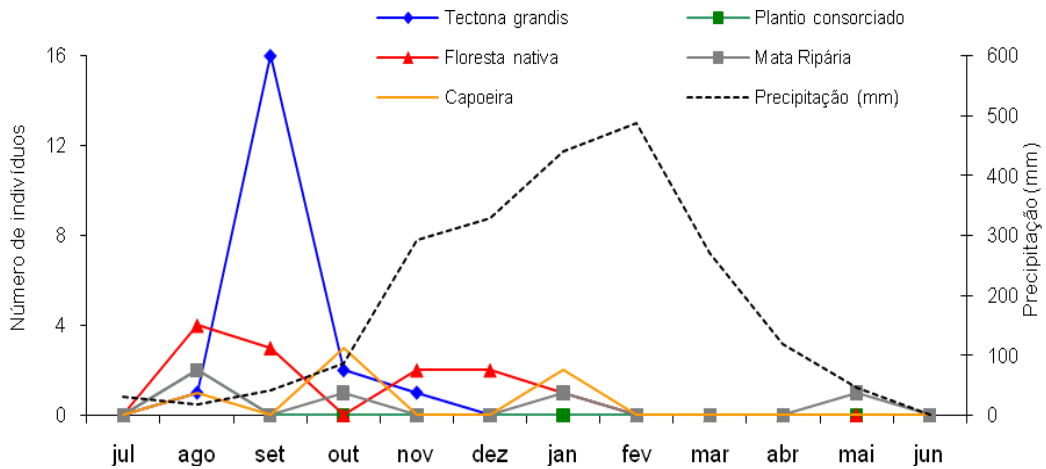


FIGURA 12 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Eublemma* sp. NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Perasia sp.2 apresentou seu acme populacional no mês de setembro em Plantio de *Tectona grandis* (Figura 13).

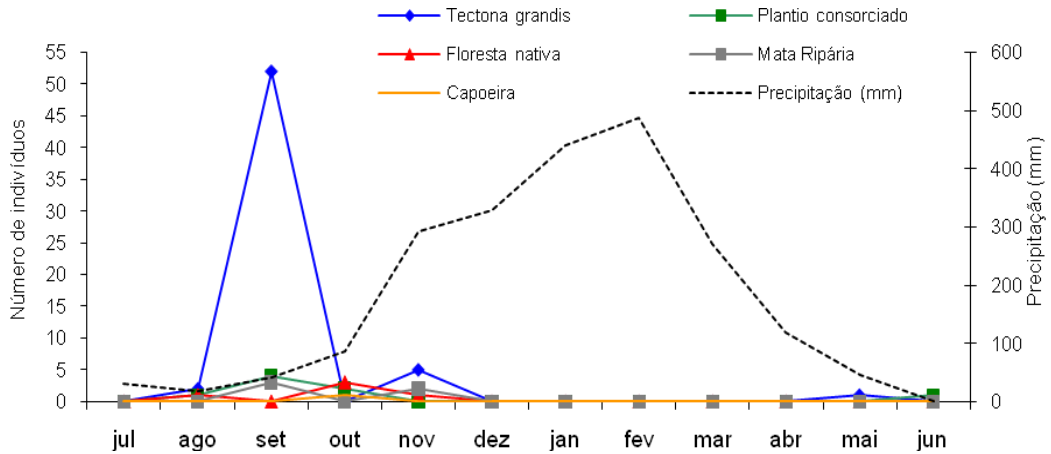


FIGURA 13 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Perasia sp.2* NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

O aumento populacional de *Epitaua coppryi* ocorreu em período seco nos ambientes estudados com pequenos acréscimos em meses de chuva (Figura 14).

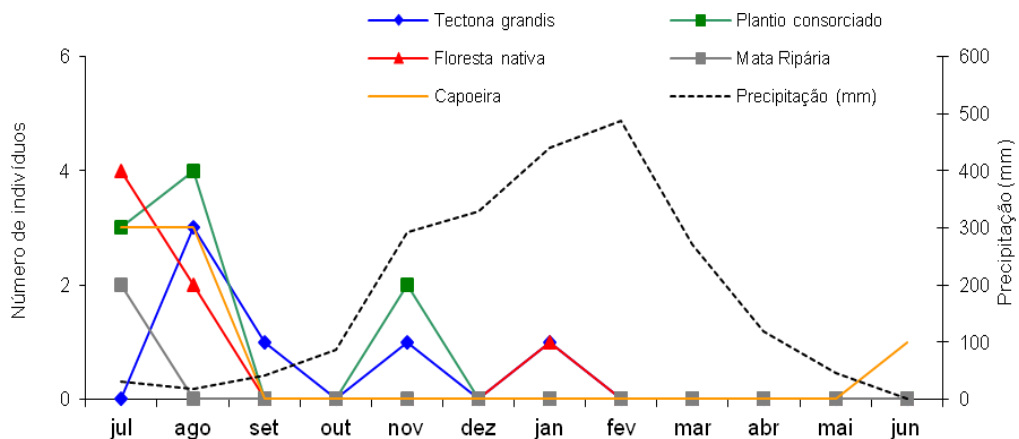


FIGURA 14 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Epitaua coppryi* NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Os picos populacionais de *Mocis latipes* estão relacionados ao período chuvoso o que pode estar relacionado com a oferta de alimentos, o aumento de quantidade de folhas jovens (Figura 15).

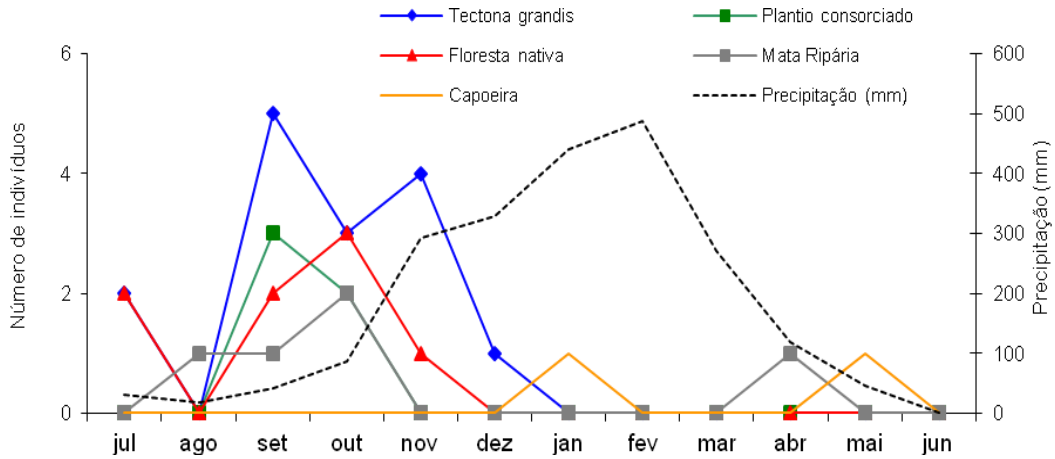


FIGURA 15 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Mocis latipes* NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Ocorreu em Plantio de *Tectona grandis* maior número de indivíduos no período chuvoso, fato esse que poderia indicar a disponibilidade de alimentos, aumento da quantidade de brotações (Figura 16).

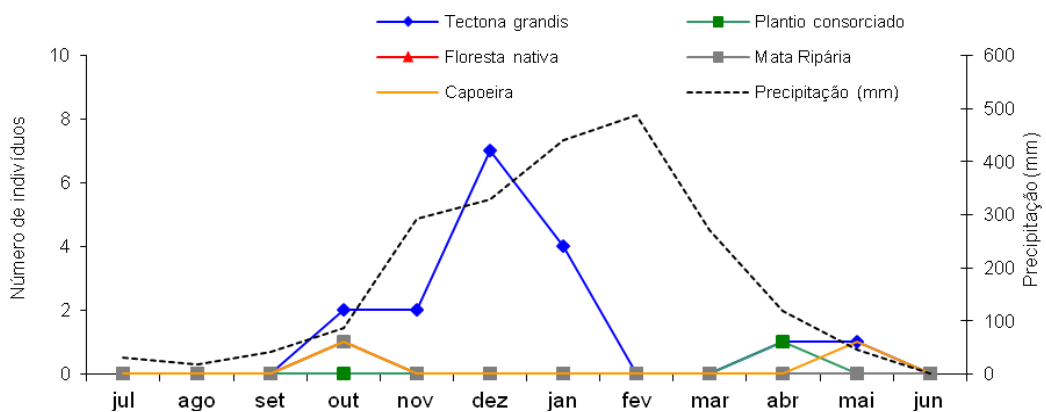


FIGURA 16 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Tiquadra sp.2* NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Synchlora gerularia teve pico populacional em Mata Ripária, Capoeira e Plantio de *Tectona grandis* no mês de setembro, época que inicia o período chuvoso (Figura 17).

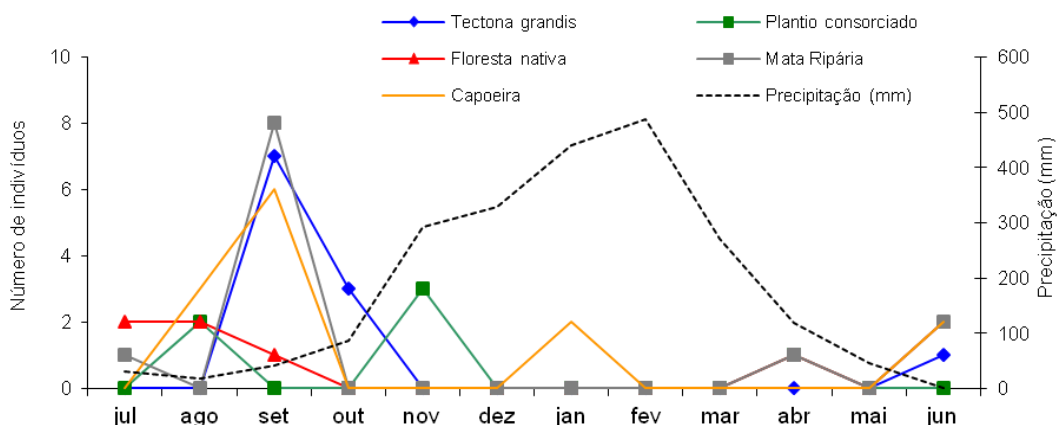


FIGURA 17 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Synchlora gerularia* NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Leucania striguscula teve sua ocorrência nos ambientes estudados em período chuvoso (Figura 18).

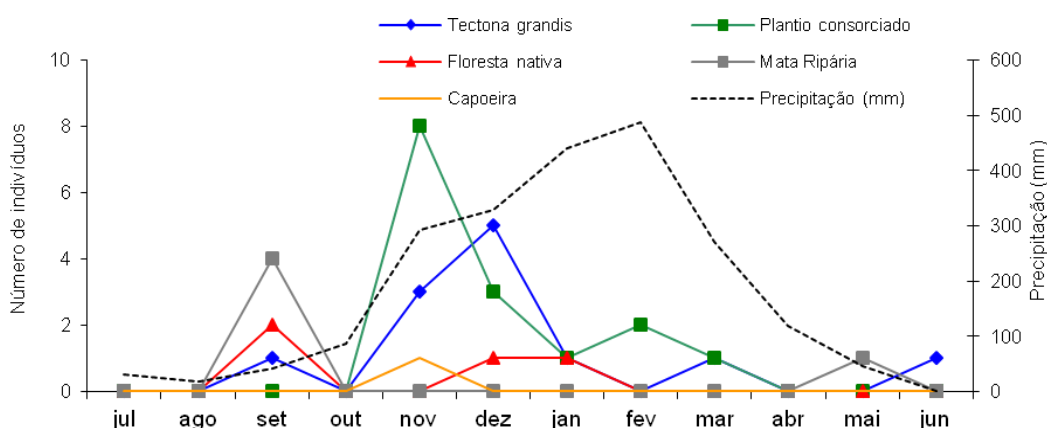


FIGURA 18 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Leucania striguscula* NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Synchlora sp.2 teve maior número de indivíduos no início das chuvas (setembro) em Plantio Consorciado (Figura 19).

Os picos populacionais da maioria das espécies estudadas ocorreram no mês de setembro e segue um declínio com a intensificação das chuvas, o que poderia estar relacionado com a presença de entomopatógenos.

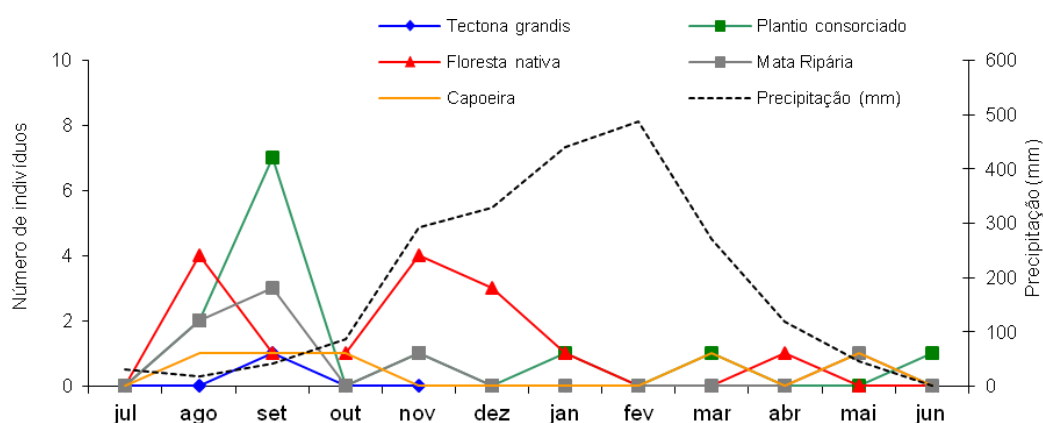


FIGURA 19 - FLUTUAÇÃO POPULACIONAL DE *Synchlora* sp.2 NOS AMBIENTES ESTUDADOS. FAZENDA SÃO NICOLAU. COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

4.4 CORRELAÇÃO SIMPLES DAS ESPÉCIES DOMINANTES NOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS

As espécies classificadas como dominantes e constantes apresentaram correlação significativa negativa entre o número de insetos coletados e a umidade relativa, ou seja, não existe correlação do aumento da umidade e a diminuição da população dos insetos coletados (Tabela 11).

Tabela 11 - CORRELAÇÃO SIMPLES DAS ESPÉCIES DOMINANTES NOS CINCO AMBIENTES ESTUDADOS COM A UMIDADE RELATIVA DO AR, FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

Ambiente	Espécie	Valor de t
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,61 ^{ns}
Plantio Consorciado	<i>Paranerita</i> sp.2	-0,46 ^{ns}
Floresta Nativa		0,07 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,17 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,29 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Loxostege</i> sp.2	-0,71 ^{ns}
Mata Ripária		-0,12 ^{ns}
Capoeira		-0,22 ^{ns}

*:significativo ao nível de 5%; ns: não significativo.

Tabela 11, Cont.

Ambiente	Espécie	Valor de t
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,49 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,44 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Maruca vitrata</i>	-0,23 ^{ns}
Mata Ripária		-0,29 ^{ns}
Capoeira		-0,41 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		0,05 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,10 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Samea ecclesialis</i>	-0,17 ^{ns}
Mata Ripária		-0,17 ^{ns}
Capoeira		-0,03 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,38 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,34 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Semiothisa sp.3</i>	-0,68 ^{ns}
Mata Ripária		-0,83 ^{ns}
Capoeira		-0,49 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,24 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Macrosoma sp.</i>	0,04 ^{ns}
Mata Ripária		-0,51 ^{ns}
Capoeira		-0,48 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,60 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,76 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Norape plumosa</i>	-0,75 ^{ns}
Mata Ripária		-0,87 ^{ns}
Capoeira		-0,53 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,18 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,48 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Eublemma sp.</i>	-0,75 ^{ns}
Mata Ripária		-0,31 ^{ns}
Capoeira		0,08 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,27 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,22 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Perasia sp.2</i>	0,15 ^{ns}
Mata Ripária		-0,61 ^{ns}
Capoeira		-0,58 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,44 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,47 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Milgithea argentilinea</i>	-0,52 ^{ns}
Mata Ripária		-0,83 ^{ns}
Capoeira		-1,16 ^{ns}
Plantio de <i>Tectona grandis</i>		-0,59 ^{ns}
Plantio Consorciado		-0,39 ^{ns}
Floresta Nativa	<i>Hylesia sp.2</i>	-0,35 ^{ns}
Mata Ripária		0,47 ^{ns}
Capoeira		-0,59 ^{ns}

*:significativo ao nível de 5%; ns: não significativo.

4.5 ANÁLISE DE CLUSTER

De acordo com a similaridade os ambientes capoeira e mata ripária foram ambientes semelhantes, houve uma pequena distância no em floresta nativa, enquanto o plantio consorciado demonstrou dissimilaridade (Figura 20).

Os ambientes capoeira e mata ripária apresentam um ambiente estável ecologicamente. O fato dos ambientes serem compostos por vegetação nativa, apresentam equilíbrio ambiental propiciando uma maior diversificação.

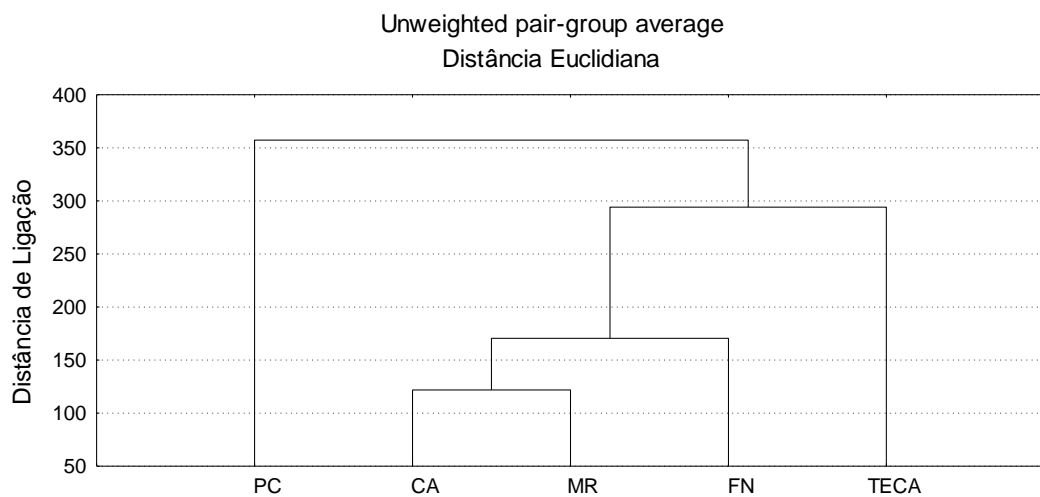


FIGURA 20 - DENDROGRAMA DO ESTUDO DE SIMILARIDADE ENTRE OS AMBIENTES PLANTIO CONSORCIADO (PC), CAPOEIRA (CAP), MATA RIPÁRIA (MR), FLORESTA NATIVA (FN) E *Tectona grandis* (TECA) NA FAZENDA SÃO NICOLAU, COTRIGUAÇU-MT, 2007 A 2008.

5 CONCLUSÕES

- Trinta e quatro espécies foram comuns a todos os ambientes estudados, caracterizando a adaptabilidade dessas espécies;
- *Maruca vitrata* é a espécie de maior adaptabilidade na área estudada por ocorrer expressivamente em três ambientes;
- A umidade relativa do ar não exerce influência significativa na quantidade das populações da maioria das espécies dominantes;
- Capoeira e Mata Ripária oferecem condições mais favoráveis para as espécies.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRAWAL, A. A. Induced responses to herbivory increased plant performance. **Science**, Oxford, v. 279, p. 1201-1202, 1998.

ALMEIDA, L. M.; COSTA, C. S. R.; MARINONE, L. **Manual de coleta, conservação, montagem e identificação de insetos**. Ribeirão Preto, Holos, 1998, 88 p.

ALMEIDA, A. F.; LARANJEIRO, A. J.; ALVES, J. E. M. O melhoramento ambiental no manejo integrado de pragas. **Silvicultura**, São Paulo, v. 10, p. 21-25, 1987.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro, PTA/FASE, 1989, 249 p.

BORROR, D. J.; DELONG, D. M. **Introdução ao Estudo dos Insetos**. Ed. Edgar Blucher Ltda. São Paulo, 1988, 653 p.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Departamento de Produção Mineral. Projeto RADAMBRASIL. **Levantamento de Recursos Naturais**. vol. 20, Folha SC 21, Juruena, 1982.

BROWN, K. S. The use of insects in the study, inventory, conservation, and monitoring of biological diversity in Neotropical habitats, in relational to traditional land use systems. **Decline Conserv. Butterflies Japan**, v. 3, p.128-149, 1996.

BROWN JR, K.S. FREITAS, A. V. L. Lepidopera, p. 227-243. In: C.R.F. BRANDÃO & E.M. CANCELLO (Eds.). **Biodiversidade do estado de São Paulo, Brasil – síntese do conhecimento ao final do século XX, nº 5: invertebrados terrestres**. São Paulo, FAPESP, xxiii + 279 p, 1999.

BROWN JR., K. S.; FREITAS, A. V. L. Atlantic forest butterflies: indicators for landscape conservation. **Biotropica**, Lawrence, v. 32, n.4b, p. 934-956, 2000.

CAMARGO, A. J. A. Estudo comparativo sobre a composição e a diversidade de lepidópteros noturnos em cinco áreas da Região dos Cerrados. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 369-380, 1999.

CAMPOS, W. G. **Fauna de insecta em reflorestamentos de *Eucalyptus cloeziana* no Vale do Rio Doce (MG), com ênfase em lagartas e parasitóides**. Viçosa. 1991. Dissertação (Mestrado em Entomologia Florestal) – Universidade Federal de Viçosa–MG, Viçosa-MG.

CHEY, V. K.; HOLLOWAY, J. D.; SPEIGHT, M. R. Diversity of moths in forest plantations and natural forests in Sabah. **Bulletin of Entomological Research**, London, v. 87, p. 371-385, 1997.

COLEY, P. D.; AIDE, T. M. **Comparison of herbivory and plant defenses in temperature and tropical broad-level forest**. In: Plant-animal interactions: evolutionary ecology in tropical and temperature regions (PRICE, P. W.; LEWINSOHN, T. M.; FERNANDES, G. W.; BENSON, W. W. eds.), pp. 25-49, USA, 1991.

COMMON, I. F. B. Insects and artificial light. **Australian Nat. Hist.**, v. 3, p. 301-304, 1964.

DI IORIO, O. R. Plantas hospedadoras y oviposición de *Dorcacerus barbatus* (Oliv.) (Coleoptera, Cerambycidae) en Argentina. **Revta. Bras. Entomol.**, Curitiba, v.4, n. 37, p. 723-729, 1993.

DALL'OGGIO, O. T.; ZANUNCIO, J. C. Fauna of Lepidoptera in a transect of native vegetation - *Eucalyptus* plantation in Ipaba, Minas Gerais, Brazil. In: International Congress of Entomology, 21, Foz do Iguassu. **Anais...** Londrina: Embrapa Soja, 2000, 481 p.

EDWARDS, P. J.; WRATTEN, S. D. **Ecologia das interações entre insetos e plantas**. Coleção Temas de biologia, EPU. SP, v. 27, 71 p, 1981.

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisas de Solos. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Rio de Janeiro, 1999. p. 306.

FLEISHMAN, E.; FAY, J. P.; MURPHY, D. D. Upsides and downsides: Contrasting Topographic Gradients in Species Richness and Associated Scenarios for Climate Change. **J. Biogeogr.**, Oxford, v. 27, p. 1209-1212, 1998.

FERREIRA, P. S. F.; MARTINS, D. S. Contribuição ao método de captura de insetos por meio de armadilha luminosa, para obtenção de exemplares sem danos morfológicos. **Revista Ceres**, Viçosa, v. 29, n. 165, 538-543, 1982.

FRY, R.; WARING, P. A guide to moth traps and their use. **The Amateur Entomologist**, London, v. 24, p. 1-60, 1996.

GOULD, F. 1998. Sustainability of transgenic insecticidal cultivars: Integrating pest genetics and ecology. **Annual Rev. Entomol**, Palo Alto, v. 43, p. 701-726.

HAMMOND, P.C.; MILLER, J.C. Comparison of the biodiversity of Lepidoptera within three forested ecosystems. **Annals of the**

Entomological Society of America, Lanham, v. 91, n.3, p.323-328, 1998.

HEPPNER, J.B. Faunal regions and the diversity of Lepidoptera. **Tropical Lepidoptera** (Supplement 1), Florida, v.2, n,1, p.1-85, 1991.

HILL, M. O. Diversity and evenness: a unifying notation and its consequences. **Ecology**, Ithaca, v. 54, p. 427-431, 1973.

HOLTZ, A. M.; OLIVEIRA, H. G.; PALLINI, A.; VENZON, M.; ZANUNCIO, J. C.; OLIVEIRA, C. L.; MARINHO, J. S.; ROSADO, M. C. Desempenho da *Thyrintea arnobia* Stoll (Lepidoptera: Geometridae) em eucalipto e goiaba: O hospedeiro nativo não é um bom hospedeiro? **Neotropical Entomology**, Londrina, v. 32, n.3, p. 427-431, 2003.

HUNTER JÚNIOR, M. L. **Wildlife, forests and forestry: principles managing for biological diversity**. New Jersey: Prentice- Hall, 370 p, 1990.

JOST, L. Entropy and diversity. **Oikos**, Lund, v. 113, n. 2, p. 363-375, 2006.

KARBAN, R.; BALDWIN, I. T. **Induced responses to herbivory**. Chicago, Univ. of Chicago Press, 275p, 1997.

KITCHING, R. L.; ORROR, A. G.; THALIB, L.; MITCHELL, H.; HOPKINS, M. S.; GRAHAM, A. W. Moth assemblages as indicators of environmental quality in remnants of upland Australian rain forest. **Journal of Applied Ecology**, Oxford, v.37, p. 284-297, 2000.

KOBER, E. A. M. **Armadilha luminosa**: informações técnicas. Porto Alegre: EMATER-RS, 1982, 24 p.

LARANJEIRO, A. J. **Estabilidade da entomofauna num mosaico de plantação de eucalipto e áreas naturais de conservação**. Piracicaba. 2003. Tese de Doutorado – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo.

LEMAIRE, C. 2002. **The Saturniidae of America - Hemileucinae**. Keltern, Goecke & Evers, vol. 3, 1388 p.

LAROCA, S.; MIELKE, O. H. H. Ensaio sobre ecologia de comunidades em Sphingidae da Serra do Mar. Paraná, Br. (Lepidoptera). **Revista Brasileira de Biologia**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 1-19, 1975.

LONGINO, J.T. How to measure arthropod diversity in a tropical rainforest. **Biology International**, London, v.28, p.3-13, 1994.

MARTINS, A. J.; et al. *Melanolophia apicalis* (Warren, 1900) em *Pinus pátula* no Paraná. **Floresta**, v. 15, n.1/2, p.81-85, 1984.

MARINONI, R. C.; DUTRA, R. R. C.; CASAGRANDE, M. M. Levantamento da fauna entomológica no Estado do Paraná. III. Saturniidae (Lepidoptera). **Revista Brasileira Zoologia**, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 473-495, 1997.

MARINONI, R. C.; DUTRA, R. R. C.; MIELKE, O. H. H. Levantamento da fauna entomológica no Estado do Paraná. IV. Sphingidae (Lepidoptera). Diversidade alfa e estrutura de comunidade. **Revista Brasileira Zoologia**, Curitiba, v. 16, (Supl. 2), p. 223-240, 1999.

MEDRI, I.; LOPES, J. Scarabaeidae (Coleoptera) do Parque Estadual Mata dos Godoy e de área de pastagem, no norte do Paraná, Brasil. **Revta. Bras. de Zool.**, Curitiba, v. 8 (Supl.1), p. 135-141, 2001.

MELLO, L. A. S.; MOREIRA, A. N.; SILVA, F. A. N. Armadilha para monitoramento de insetos. **Comunicado Técnico da Embrapa Meio Ambiente**, Jaguariúna, v. 7, p. 1-4, 2001.

MORAES, R. C. B.; HADDAD, M. L.; REYES, A. E. L. Software para análise faunística – ANAFU. In: SIMPÓSIO DE CONTROLE BIOLÓGICO, 8, São Pedro. **Resumos...** Piracicaba:SEB, 2003, 195 p.

NAKANO, O.; LEITE, C. A. **Armadilhas para insetos: pragas agrícolas e domésticas**. Piracicaba: FEALQ, p. 9-16, 2000.

NAKAYAMA, K.; SILVEIRA NETO, S.; NAKANO, O. Armadilha luminosa LQ-III para captura de insetos. **Ecossistema**, Espírito Santo do Pinhal, v. 4, n. 1, p.139-140, 1979.

NICHOLLS, C, I.; ALTIERI, M. A.; SANCHEZ, J. **Manual práctico de control biológico para una agricultura sustentable**. Barcelona: Asociación Vida Sana, 86p, 1999.

OLIVEIRA, L. S. de. **ASPECTOS ENTOMOLÓGICOS EM POVOAMENTOS HOMOGÊNEOS DE *Acacia mearnsii* DE WILD**. Santa Maria. 2007. 66 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS.

PEREIRA, J. M. M.; ZANUNCIO, J. C.; SCHOEREDER, J. H.; GASPERAZZO, W. L. Índices faunísticos e flutuação populacional de lepidópteros daninhos ao eucalipto na região de Montes Claros, Minas Gerais. **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, Londrina, v. 23, p. 327-334, 1994.

PERES FILHO, O.; DORVAL, A.; SOUZA, L. M. M. de; BERTI FILHO, E.; MOURA, R. G. Análise faunística e flutuação populacional de

Lepidópteros em *Tectona grandis* L.f. (Lamiaceae) no Município de Rosário Oeste, Estado de Mato Grosso. **Revista de Agricultura**, Piracicaba, v. 84, n. 2, p. 87-95, 2009.

PIZZAMIGLIO, M. A. **Ecologia das Interações Inseto Plantas**. In: PANIZZI, A.; PARRA, J. R. (Eds). Ecologia nutricional de insetos e suas implicações no manejo de pragas. São Paulo, Manole Ltda, VI-359, 1991.

QUINTELA, E. D. **Manual de identificação dos insetos e invertebrados pragas do feijoeiro**, Santo Antônio de Goiás, documentos 142, 41p, 2002.

REIS, M. G. F.; REIS, G. G. **O reflorestamento e seus impactos ambientais**. 6° ENTEC – Encontro Técnico Florestal, Belo Horizonte, 17 p, 1994 (Apostila).

ROOT, R. B. Organization of a plant-arthropod association in simple and diverse habitats: the fauna of collards (*Brassica oleracea*). **Ecol. Monog.**, Washington, v. 43, n.1, p. 95-124, 1973.

SAKAGAMI, S. F.; LAROCA, S. Observations on the bionomics of some neotropical Xylocopini bees, with some comparative biofaunistic notes (Hymenoptera, Anthophoridae). **J. Fac. Sci.** Hokkaido Univ, v. 18, p. 57-127, 1967.

SALAS, A. M. B. **Caractérisation agro-morphologique et moléculaire d'une collection de landraces péruviennes de pigeonpea (*Cajanus cajan* L. Millsp.) pour l'analyse de sa diversité**. 2009. 17 f. Dissertation (Docteur en Sciences) - Facultés Universitaires Notre-Dame de la Paix, Namur-Belgique.

SANTOS, G. P.; ZANUNCIO, T. V.; VINHA, E.; ZANUNCIO, J. C. Influência de faixas de vegetação nativa em povoamentos *Eucalyptus cloeziana* sobre população de *Oxydia vesulia* (Lepidoptera: Geometridae). **Revista Árvore**, Viçosa, v. 26, p. 499-504, 2002.

SANTOS, G. P.; ZANUNCIO, T. V.; ZANUNCIO, J. C. Desenvolvimento de *Thyrintina arnobia* Stoll (Lepidoptera: Geometridae) em folhas de *Eucalyptus urophylla* e *Psidium guajava*. **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, Londrina, v. 29, n. 1, p. 13-22, 2000.

SANTOS, G. P.; ZANUNCIO, T. V.; DIAS, O. S.; ZANUNCIO, J. C. Aspectos ecológicos e descritivos de *Glena unipennaria* (Guenée) (Lepidoptera: Geometridae) em *Eucalyptus urophylla*. **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 245-249, 1996.

SEASTEDT, T. R.; CROSSLEY, D. A. The influence of arthropods on ecosystems. **Bioscience**, Washington, v. 34, p. 157-161, 1984.

SILVEIRA NETO, S.; SILVEIRA, A. C. Armadilha luminosa modelo "Luiz de Queiroz". **O Solo**. Piracicaba, v. 61, n. 2, p. 19-21, 1969.

SILVEIRA NETO, S.; NAKANO, O.; BARBIN, D.; VILLA NOVA, N. A. et al. **Manual de ecologia dos insetos**. São Paulo: Agronômica Ceres, p. 110-132, 1976.

SILVEIRA NETO, S.; HADDAD, M. L. Teste comparativo entre as armadilhas luminosas "Luiz de Queiroz" e "Intral". **Ecossistema**, Espírito Santo do Pinhal, v. 9, p. 87-91, 1984.

SILVEIRA NETO, S.; MONTEIRO, R.C.; ZUCCHI, R.A.; MORAES, R.C.B. Uso da análise faunística de insetos na avaliação do impacto ambiental. **Scientia Agricola**, Piracicaba, v. 52, n. 1, p. 9-15, 1995.

SIMONSON, S. E.; OPLER, P. A.; STOHLGREN, T. J.; CHONG, G. W. Rapid assessment of a butterfly diversity in a montane landscape. **Biodivers. Conserv.**, London, v. 10, p. 1369-1386, 2001.

SPECHT A.; CORSEUIL, E. Lista documentada dos noctuídeos (Lepidoptera, Noctuidae) ocorrentes no RS, Brasil. **Biociências**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 131-170, 1996.

SPECHT A.; CORSEUIL, E. Diversidade dos noctuídeos (Lepidoptera, Noctuidae) em Salvador do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 19 (Supl. 1), p. 281-298, 2002.

SUMMERVILLE, K. S.; RITTER, L. M.; CRIST, T. O. Forest moth taxa as indicators of lepidopteran richness habitat disturbance: a preliminary assessment. **Biological Conservation**, Oxford, v.116, p. 9-18, 2004.

STOTZ, H. U.; PITTEGRIGH, B. R.; KROYMANN, J.; WENIGER, K.; FRITSCHÉ J.; BAUKE, A.; MITCHELL-OLDS, T. Induced plant defense responses against chewing insects. Ethylene signaling reduces resistance of arabidopsis against egyptian cotton worm but not diamondback moth. **Plant physiology**, Sofia, v. 124, n. 3, p. 1007-1017, 2000.

TEJA T.; ROLAND, B. Plant-insect interactions in fragmented landscapes. **Annual Review of Entomology**, Palo Alto, v. 46, p. 405-430, 2004.

TURNER, I. M. Species loss in fragments of tropical rain forest: a review of the evidence. **Journal of Applied Ecology**, Oxford, v. 33, p. 200-209, 1996.

VENDRAMIM, J. D.; ZUCCHI, R. A. SILVEIRA NETO, S. **Controle cultural, físico, por comportamento e por resistência de plantas**. In: CURSO DE ENTOMOLOGIA APLICADA À AGRICULTURA. Piracicaba. FEALQ, p. 113-119, 1992.

VIANA, T. M. B. **Lepidópteros associados a duas comunidades florestais em Itaára-RS**. Santa Maria. 1999. 115f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS.

VITTI, A. M. S.; BRITO, J. O. Óleo essencial de eucalipto. **Documentos Florestais**, Piracicaba, v. 17, 35p, 2003.

ZANUNCIO, J. C.; GARCIA, J. F.; SANTOS, G. P.; ZANUNCIO, T. V.; NASCIMENTO, E. C. Biologia e consumo foliar de *Euselasia apisaon* (Dalman, 1823) (Lepidoptera: Riodinidae), em *Eucalyptus* spp. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 14, n.1, p. 45-54, 1990.

ZANUNCIO, J. C.; MEZZONO, J. A.; GUEDES, R. C. N.; OLIVEIRA, A. C. Influence of strips of native vegetation on Lepidoptera associated with *Eucalyptus cloeziana* in Brasil. **Forest Ecology and Management**, Amsterdam, v. 108, n. 6, p. 85-90, 1998.

Apêndice



APÊNDICE 1 – Plantio de *Tectona grandis* (A, B e C); Consórcio composto por espécies de *Ficus* spp., *Astronium* sp., *Jacaranda copaia*, *Syzygium jambolanum* e *Aspidosperma* sp., (D).



APÊNDICE 2 – Consórcio composto por espécies de *Ficus* spp., *Astronium* sp., *Jacaranda copaia*, *Syzygium jambolanum* e *Aspidosperma* sp., (E e F); Floresta Nativa (G, H).



APÊNDICE 3 – Floresta Nativa (I), Mata ripária (J, K e L).



APÊNDICE 4 – Capoeira (M, N e O).